

CONFERÊNCIA DE **POTSDAM**

GUIA DE ESTUDOS

4 A 8 DE OUTUBRO



WWW.SOI.ORG.BR

ÍNDICE DE ABREVIACÕES

África KORPS – Força Expedicionária Alemã na África
D.C. - District of Columbia
DIP - Direito Internacional Público
EUA - Estados Unidos da América
GESTAPO - *Geheime Staatspolizei* (polícia secreta do Estado alemão)
KMT – Partido Nacionalista Chinês
NAZI - Nazista
NEP - Nova Economia Política
NSDAP - Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores
ONU - Organização das Nações Unidas
PCC – Partido Comunista Chinês
SOI - Simulação de Organizações Internacionais
SS - *Schutzstaffel* (polícia do Estado alemão)
URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

CARTA DE APRESENTAÇÃO

E aí, amores, também são sedentas (os) por uma festa e adoram uma ferveção? Então vocês estão no lugar certo! Fiquem bem atentas (os) nessa contagem de membros, deixando seu UP para não levar BAN!

#TeamAliados:

- Representante da URSS:

Andrezza Pessoa Carvalho de Souza, 22 anos, é uma das moderadoras mais recentes do grupo. Conhecida simplesmente por Dezza, seu bom humor é um verdadeiro hino atemporal. A qualquer momento do dia, sua voz doce vai dar paz e conforto para qualquer mana disposta a te ouvir. Alguns podem alegar que sua onda *Good Vibes* tem uma origem “natural”, mas ela não passa de uma canceriana.

Estava de boas até a Alemanha de Mariana decidir invadi-la, mas é aquele ditado, né? Se me atacar, eu vou atacar.

Chegou nessa tour importada diretamente do LABCOM e está se formando em Jornalismo. Já foi Assessora de Imprensa da SOI (QUE PISÃO, BICHO) e agora, com exclusividade, está em missão no país Potsdam.

Edit 1: Você quer interdisciplinaridade, delegadinho (a)? Então toma interdisciplinaridade!

Edit 2: Se flopar, pelo menos tá de boas.

- Representante dos EUA:

Maria Eduarda Lago Serejo, 22 anos, é uma das moderadoras do grupo, tendo participado desde a sua criação. Duda Cherry, como é chamada pelos íntimos, pode ser facilmente encontrada fazendo umas comprinhas na Farm, ou então nos rolés alternas da vida.

Também conhecida como a maior fanfiqueira do país Potsdam, tome cuidado caso você seja bolsominion, porque ela não aceita afronte. Nas horas vagas, não deixa o seu ICP morrer e faz a limpeza de casa, como boa custodial que foi na Disney.

Quando visitá-la, não se esqueça de brincar com Frida, a cachorrinha dela que é super carinhosa, e de beber água na sua geladeira *high-tech*, que é uma tour à parte. Membro da cota hetero do comitê, Duda está sempre pronta para ajudar da melhor forma possível (só não tente por *whats*, porque ela ignora na cara dura meixmo).

Edit 1: Frida ama maçãs.

- Representante da Grã-Bretanha:

Cruz, ops... Lucas Cruz Campos é o nosso moderador neném e conta com apenas 20 aninhos de idade. Apesar carinha de baby, não se deixe enganar, pois é o embuste do país Potsdam.

Phyno, como um bom membro da realeza britânica, adora um bom vinho e boas indicações de docerias, mas não perde tempo em uma calourada, nem a oportunidade de ralar a raba no chão. Sua tour é saber de todas as fofocas natalenses, especialmente as do TJRN.

Em sua residência, o Palácio de Buckingham, há uma pia de ouro no lavabo com uma torneira que os reles mortais não conseguem abrir. Lá, ele recebe seus convidados com a sua especialidade: seus famosos CUKies. Pisa menos!

Apesar da alma de embuste e de ser o rei do julgamento, ele tem um coração enorme e está sempre à disposição para ajudar, manas!

#TeamEixo:

- Representante do Japão:

Ana Cybelle Fernandes da Costa, 22 anos, é nada mais, nada menos, do que proprietária na empresa Conferência de Potsdam. Também conhecida como a Kardashian do Vale do Apodi, essa biscoiteira traz alegria em aBUNDÂncia para o comitê, bem como para toda a SOI.

Sua rotina é muito corrida, conciliando o seu reinado no país Potsdam com os estudos para OAB e a criação de seu gatinho, Amô. Pisa menos, Cybs! Fã de Florence And The Machine, seus “dog days are over” desde que começou a estagiar na Caixa, tirou a barriga da miséria, como podemos acompanhar seus banquetes diários pelo seu

InstaStories com a *hashtag* #tododiaisso.

A rivalidade Japão-EUA começou muito antes do ataque de Pearl Harbor, pois já existia uma zona de tensão quando Cybelle e a menina Duda Cherry entraram na faculdade.

Cybaliba ~ para os íntimos ~ tem um coração de mãe e não mede esforços para ajudar a todos, seja da maneira que for. E aí, manas? Vamo marcar um meet?

Edit1: segundo a lenda, antes de entrar no Glorioso Curso de Direito da UFRN, Cybaliba era a famigerada crente de Taubaté. Hoje ela trocou a linha Aline Barros pelos funk proibidão.

- Representante da Itália:

Gabriel Victor Rodrigues Pinto, o nosso pssinho de 23 aninhos, é o administrador cofundador do país de Potsdam. Apesar de ser um ditador fascista, representando a real mistura entre Mussolini e Kaerre Neto (Amém, KR), ele é uma verdadeira Alice, sempre acreditando na boa-fé das pessoas e fazendo o maior papel de trouxa da história mundial.

O garoto Gabriel também é ótimo em promover as relações pessoais do país de Potsdam, sendo conhecido como “Amém ONU Mulheres” por sua grande atuação e desenvoltura durante o último churrasco da SOI (Eu tô seca!). Outro fato sobre a santinha falada é que ele adora dar PT nos toquinhos do Paçoca de Pilão!

Mas manas, não vão achando que é apenas de fofura que vive esse homem!

Originário de Moscow City ~vulgo Mossoró~, esse demônio foi um dos principais responsáveis pelo desvio do Japão de Cybelle dos caminhos do Senhor Jesus!

Vocês queriam beleza? Então toma a beleza! Pois esse espécime de sapão não é facilmente encontrado em qualquer lugar!

Edit 1: Ele diz que será a última SOI dele, mas todo mundo sabe que não! HAHAHA

- Representante da Alemanha:

Mariana Mousinho Cavalcante Medeiros Gomes, 23 anos, também conhecida como @MarianaBeijinho, é a moderadora mais fila bóia no país de Potsdam! Muito esfomeada mesmo, né amore?

Mas manas, não se assustem com o apelido carinhosamente dado para nossa diretora assistente em Olinda (ninguém sabe ao certo o motivo, né non?). Apesar dela não esperar o carnaval chegar mesmo (EU NÃO ACREDITO QUE MARIANA INVENTOU A PABLO VITTAR!), Mousi é do tipo de garota que além de legal, linda e simpática, é toda engajada nas causas sociais, sempre lutando pelas minorias! Pissamos, Mariana, eu te imploro!

Como uma ótima espécime de hetero (tá aqui para cumprir parte da cota), Mari está toda quinta batendo ponto na famigerada Ribeira: “Cite alguém que mais vai para o Samba no Ateliê que Mariana Mousinho e falhe miseravelmente”.

Ela já foi tanto para a Ribeira que um dia acabou toda a vodka de lá, tendo que invadir a União Soviética de Dezza! Caramba, nesse dia eu fiquei muito assustada!

Vamos enaltecer essa princesinha dos Direitos Humanos

Edit 1: Beijinho é muito conhecida por sempre pegar os maiores sapões brasileiros!

AAAAAAAAAA, EU NÃO ACREDITO QUE NÃO FLOPPOU! QUE BERRO QUE EU DEI COM ESSA!!!

Edit 1: Já deu para perceber a pressão, né bebeam?!

Edit 2: Espero que gostem de todo o material preparado com carinho para vocês!

Edit 3: Prontos para começar? Então vamos lá!

SUMÁRIO

1. SAUDAÇÕES INICIAIS	8
2.1. O Término de uma Guerra	16
3. HISTÓRICO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	17
3.1. A Ascensão do Regime Nazista Alemão	17
3.2. O Contexto Geopolítico no Período da Segunda Guerra Mundial	22
3.3. Holocausto	30
3.4. Conferência de Teerã	36
3.5. Conferência de Ialta	40
3.6. As Preparações Para a Conferência de Potsdam.....	44
4. CENÁRIO MUNDIAL	48
4.1. Bloco Estadunidense	48
4.2. Bloco Soviético	53
4.3. Bloco Britânico	57
4.4. Bloco Francês	61
4.5. Bloco Italiano.....	63
4.6. Bloco Japonês	71
4.7. Bloco Chinês.....	75
4.8. Bloco Alemão	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6. REFERÊNCIAS	81

1. SAUDAÇÕES INICIAIS

Senhores(as) delegados(as), sejam bem-vindos(as) à Conferência de Potsdam, 1945. É um prazer tê-los conosco, pois estamos prestes a vivenciar uma experiência acadêmica incrível com cada um de vocês. Pedimos licença, de agora em diante, para que vocês esqueçam um pouco daquilo que sabem sobre um dos eventos mais importantes para o século passado: a Segunda Guerra Mundial. Nesse comitê, te desafiaremos a repensar a nossa história sob uma nova perspectiva.

A importância dessa discussão remonta a uma realidade cada vez mais presente no globo – a polarização de interesses e a forte intolerância com as diferenças. Compartilhamos um mundo em que os discursos conservadores não só têm ganhado mais espaço na mídia, mas também legitimação da massa de eleitores. Trazer esse tema à tona, portanto, é indispensável para refletirmos sobre esses rumos em traçado e para buscarmos caminhos alternativos.

Nesse ínterim, a Conferência de Potsdam surge como um comitê completamente novo e dinâmico para a SOI. É a primeira vez em que os delegados poderão desfrutar de um modelo inovador dentro desta simulação, motivo que já traduz toda a nossa animação para este projeto.

Simular a Conferência de Potsdam é uma interessante oportunidade para refletir as decisões tomadas ao fim da guerra e propor novos caminhos para a nossa história. Isso porque conservar esse evento na simulação, tal qual ele ocorreu, significaria a manutenção da história e o breve esquecimento do nosso pressuposto basilar: refletir quais seriam os caminhos possíveis e pacíficos, naquele momento, ao reequilíbrio da geopolítica internacional.

Sendo assim, com o objetivo de proporcionar um debate rico acerca do jogo de interesses geopolíticos por trás da Segunda Guerra Mundial, nós, diretores, decidimos ampliar as delegações participantes na Conferência de Potsdam. A simulação não estará restrita, portanto, somente às delegações dos Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética, únicas participantes originais desse momento histórico, mas trará outros importantes países envolvidos na relação beligerante.

Nesse contexto, na reunião haverá representações individuais, com a

particularidade de que cada delegado pertencerá a uma comissão específica, correspondente a um dos países convocados para a Conferência simulada: Estados Unidos, União Soviética, Reino Unido, França, Japão, China, Itália ou Alemanha.

Merece pontuar que cada um dos senhores delegados terá igual poder de voz, mas não necessariamente poder de voto. Esta última prerrogativa ficará à disposição apenas do Chefe de Estado de cada comissão – seja ele um Presidente ou Primeiro-Ministro. Cabe a cada um dos senhores, portanto, usar o seu poder de persuasão não só frente aos demais representantes de outros países, mas também no interior de sua comissão. Isso porque, vocês, enquanto conselheiros do Chefe de Estado, deverão convencê-lo das melhores decisões para seu país, além de ajudá-los nas votações materiais do comitê.

Diante desse quadro inovador, convidamos os senhores e as senhoras para que leiam o nosso breve guia de regras, que trará todos os demais detalhes para a nossa simulação e tirará qualquer possível dúvida quanto ao funcionamento do comitê. Não existem óbices para que os senhores recorram a nós, seus diretores, para dirimir qualquer questionamento ou insegurança. Estaremos todos prontos para ajudá-los.

Quanto a este Guia de Estudos, destacamos que ele foi pensado cuidadosamente para a melhor ambientação dos senhores neste comitê histórico. Pensando nisso, decidimos dividi-lo em dois blocos principais: a parte geral, responsável por fornecer uma nova perspectiva do contexto da guerra e uma visão mais ampla do tema, e parte especial, que cuidará do contexto geopolítico vivido por cada país durante o período bélico. Veja, porém, a parte geral será escrita à luz da nossa concepção atual da Segunda Guerra Mundial, para que os senhores tenham capacidade de entender como aqueles acontecimentos se desencadearam. Por seu lado, a parte especial será escrita sob o lume da perspectiva de cada país em 1945 – o que propositalmente trará um discurso parcial e individual dos acontecimentos da guerra.

Findos esses apontamentos iniciais, lembramos aos senhores que o Guia de Estudos é um material norteador para o estudo e pesquisa de cada um de vocês, sendo certo que a busca por materiais complementares é altamente recomendada e incentivada.

Finalmente, e sem mais delongas, desejamos uma ótima experiência e um bom trabalho aos senhores. Até Potsdam, 1945!



PARTE GERAL

CONFERÊNCIA DE POTSDAM



2. DO DIREITO INTERNACIONAL NA GUERRA

O uso da guerra como expressão de poder, bem como de disputa por interesses econômicos e políticos, não é matéria recente. O ato de guerrear tem se perpetuado entre as mais diversas gerações humanas, ganhando, inclusive, novos contornos a depender do contexto e da realidade vivida por cada civilização.

Ao folhear os registros históricos, pode-se tomar nota que a primeira guerra registrada e documentada que se tem notícia ocorreu entre as cidades-estados de Lagash e Umma, na Suméria¹. O conflito teve duração de 2.500 a 2.400 a.C. e estava relacionada, diretamente, à disputa dessas regiões pelo controle de terras férteis, que se localizavam próximas aos rios Tigre e Eufrates².



Figura 1 - Cidades de Umma e Lagash, na Suméria.³

¹ COOPER, J S. **Reconstructing history from ancient inscriptions: the Lagash-Umma border conflict.** Malibu: Undena Publications, 1983.

² HATAMI, Haleh; GLEICK, Peter H.. Conflicts over Water in the Myths, Legends, and Ancient History of the Middle East. **Environment: Science and Policy for Sustainable Development**, [s.l.], v. 36, n. 3, p.10-11, abr. 1994. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00139157.1994.9929156>.

³ CLASSICAL WISDOM WEEKLY. **A war for water: a tale of two cities.** 2011. Disponível em: <<http://classicalwisdom.com/a-war-for-water-the-tale-of-two-city-states/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Essa breve referência mostra que o conflito armado sempre esteve muito próximo da história humana, determinando os rumos das grandes civilizações e até mesmo o padrão de cultura vivido na atualidade. Sendo assim, este guia de estudos jamais poderia iniciar sua exposição de outra forma. Falar da guerra e de seus efeitos no plano fático é, sobretudo, colocar sua legitimidade em cheque e analisar a evolução desse instituto no âmbito do Direito Internacional e das relações políticas.

Nesse sentido, para Valério Mazzuoli:

Desde o momento em que a consciência da moral e do direito vai se impondo ao estudo da guerra, esta vai deixando de ser a simples luta entre o bem e o mal, para passar a ser matéria regida e disciplinada do Direito Internacional Público. Além do *jus ad bellum* (direito da guerra) aparece o *jus in bello* (o direito na guerra), como resultado de uma longa evolução histórica em que o Direito (notadamente o Direito Internacional) passou a, cada vez mais, impregnar-se nas questões envolvendo o uso da força armada, impondo-lhes inúmeras restrições⁴.

Ao fim deste excerto, pode saltar aos olhos uma série de conceitos talvez ainda desconhecidos para o leitor deste material. Pede-se licença, portanto, para esclarecê-los.

Em uma análise simplista e econômica, pode-se conceituar o Direito Internacional Público como um sistema de regras, princípios e costumes internacionais que regem as relações entre os sujeitos de Direito Internacional. Esse conjunto de normas funcionará como o parâmetro mínimo de boa convivência entre os países e as organizações internacionais, e, por isso, tornou-se matéria de estudo para os juristas e todos aqueles que tenham interesses nas relações de políticas exteriores.

Diante desse quadro, é justamente o Direito Internacional Público que fará a distinção – em princípio, quase imperceptível – entre o *jus ad bellum* (direito da guerra) e o *jus in bello* (direito na guerra). Este último se preocupa em colocar o Direito (enquanto matéria de estudo), como determinável nas relações de guerra, vez que este normatizará várias questões, como a situação dos bens de Estados beligerantes, a declaração de guerra, a neutralidade e o fim do conflito armado. Por sua vez, o *jus ad*

⁴ MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014. P. 1173.

bellum (direito da guerra), trata-se da própria faculdade dos países em declará-la – quando esta se demonstrar justa e necessária.

Junto a essas conceituações, não se pode olvidar o próprio conceito da palavra guerra, foco de muita discussão. A princípio, veja que se tentarmos forçar a memória, não nos lembraremos, de pronto, quando essa palavra se tornou parte do nosso vocabulário. Pode parecer que, de repente, em algum dia da nossa infância ela passou a nos fazer algum sentido, como um conceito natural e dificilmente definível, a exemplo de “amor” e “tempo”. Contudo, a bem da verdade, frequentemente associamos o termo guerra a um sentimento de angústia e medo, fundado no conhecido poder destrutivo das grandes potências bélicas.

No plano acadêmico, o conceito de guerra é normalmente discutido tanto em seu aspecto subjetivo quanto objetivo. Enquanto o viés subjetivo estaria ligado à própria intenção de declarar guerra – claro conflito de interesses entre uma nação beligerante e outra –, chamada de *animus beligerandi*, o viés objetivo se relaciona aos aspectos mais concretos do conflito armado – a efetiva existência de atos de guerra.

Nesse sentido, Louis Delbez define o termo como “uma luta armada entre Estados, desejada ao menos por um deles e empreendida tendo em vista um interesse nacional⁵”. Este conceito, todavia, já pode ser alvo de reforma, visto que “a guerra contemporânea é científica e, sobretudo, tecnológica⁶”, não se limitando, portanto, aos conflitos armados e ao derramamento de sangue.

A História nos mostra, contudo, que por longos anos a guerra serviu como exercício da força desmedida entre nações, sob o fito principal de anexação de território, disputa por novos mercados, extermínio étnico e conquista pela força. O exemplo mais

⁵ DELBEZ, Louis. **Les Principes Généraux du Droit International Public**: Droit de la Paix, Droit Préventif de la Guerre, Droit de la Guerre. 3^o ed. Paris: Láb. Gén. de Droit et de Jurisprudence, 1964.

⁶ MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014. P. 1174.

memorável permanece sendo as conquistas territoriais do Império Romano⁷, que serviriam de inspiração para o Terceiro Reich durante o Século XX⁸.

Nessa perspectiva, enquanto o Direito Internacional permanecesse alheio às questões de guerra e não criasse uma normatização para esse instrumento de poder, os conflitos globais continuariam sendo palco das mais diversas arbitrariedades, onde os países derrotados se curvariam à vontade absoluta dos países vencedores.

Essa realidade começou a mudar a partir da evolução da humanidade. A preocupação cada vez maior com as garantias individuais fez os Estados refletirem sobre as perdas humanas e a maneira truculenta de se promover um conflito armado. Nessa senda, a proibição jurídica à guerra começou a ganhar voz e corpo na comunidade internacional.

A primeira expressão dessa proibição se materializou a partir do Tratado de Renúncia à Guerra (comumente chamado de Pacto *Briand-Kellog*), assinado em agosto de 1928 na cidade de Paris, pós-primeira guerra mundial. De acordo com Mazzuoli:

Ficou expressa, nesse instrumento, a vontade dos Estados em renunciar à guerra como meio de solução de conflitos internacionais, a isso renunciando, como instrumento de política nacional, em suas relações recíprocas (art. 1º). Dentro dessa sistemática, com exceção da legítima defesa, que continuaria sendo garantida aos Estados agredidos, qualquer outra forma de agressão armada seria considerada ilegal *per se*⁹.

A assinatura de tal pacto, contudo, não teve o resultado esperado, visto que poucos anos depois estaria iniciada a Segunda Guerra Mundial. Essa discussão abre questionamentos sobre a própria efetividade do Direito Internacional, além dos motivos que levaram ao completo fracasso do Pacto *Briand-Kellog*.

Esses motivos são esclarecidos sutilmente por Eric Hobsbawm, que inicia um dos capítulos de seu livro “Era dos Extremos” com as seguintes ponderações:

⁷ BRANDÃO, José Luís (coord.); DE OLIVEIRA, Francisco (coord.). **História de Roma Antiga volume I**: das origens à morte de César. Coimbra: [s.n.], p. 246.

⁸ UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **O Terceiro Reich**: visão geral. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005141>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

⁹ MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014. P. 1176.

Quando perguntados, em janeiro de 1939, quem os americanos queriam que ganhasse, se irrompesse uma guerra entre a União Soviética e a Alemanha, 83% foram a favor de uma vitória soviética, contra 17% de uma alemã (Miller, 1989, pp. 283-4). Num século dominado pelo confronto entre o comunismo anticapitalista da Revolução de Outubro, representado pela URSS, e o capitalismo anticomunista, cujo defensor e principal exemplar eram os EUA, nada parece mais anômalo do que essa declaração de simpatia, ou pelo menos preferência, pelo berço da revolução mundial em detrimento de um país vigorosamente anticomunista e cuja economia era reconhecidamente capitalista. Tanto mais que a tirania de Stálin da URSS nessa época se achava, por consenso geral, em seu pior estágio.

A situação histórica era sem dúvida excepcional e teria vida relativamente curta. Durou, no máximo, de 1939 (quando os EUA reconheceram oficialmente a URSS) até 1947 (quando os dois campos ideológicos se defrontaram como inimigos na “Guerra Fria”), porém mais realisticamente de 1935 a 1945. Em outras palavras, foi determinada pela ascensão e queda da Alemanha de Hitler (1933-45) [...], contra a qual EUA e URSS fizeram causa comum, porque a viam como um perigo maior do que cada um ao outro¹⁰.

Nesse sentido, esses países entenderam que os seus interesses externos – fundados, sobretudo, na represália à ameaça nazista – mereciam patamar de prioridade, ainda que isso lhes custasse alheamento ao pacto anteriormente firmado.

A proibição jurídica à guerra só voltou a ser pauta da comunidade internacional, após a criação da Organização das Nações Unidas, que, em seu art. 2º, §3º, dispôs: “todos os membros deverão resolver suas controvérsias internacionais por meios pacíficos, de modo que não sejam ameaçadas a paz, a segurança e a justiça internacionais¹¹”.

O sistema criado no âmbito das Nações Unidas, agora, contava com o Conselho de Segurança – órgão responsável pela paz internacional. Dentre suas tantas particularidades, destaca-se a sua composição por cinco membros permanentes, todos com poder de veto: Estados Unidos, China, Rússia, França e Reino Unido.

Esses novos traços da geopolítica mundial são, até hoje, causa das mais diversas reflexões. Nesse panorama, persiste o questionamento de se o Direito Internacional seria verdadeiramente um aliado da paz ou mero instrumento de manutenção da supremacia dos vencedores. Imaginável, portanto, que essas e outras questões permaneçam em

¹⁰ HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Editora Schawarcz, 1995. p. 144-145.

¹¹ BRASIL. **Decreto Nº 19.841, de 22 de Outubro de 1945**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm>. Acesso em: 26 mar. 2017.

discussão e debate doutrinário, cabendo a cada um dos presentes leitores se lançarem a suas próprias reflexões.

2.1. O Término de uma Guerra

A situação beligerante não tem caráter *ad eternum* (permanente e infinito), apesar da história nos mostrar conflitos armados que perduraram por longas datas. A guerra, sem termo certo para se encerrar, hora ou outra terá seu fim, com uma das nações ou partes destacando-se em relação à outra – evento conhecido como *debellatio*¹².

Na perspectiva jurídica e diplomática, porém, se a guerra não se caracteriza como o meio mais civilizado de solução de controvérsias, tampouco seria razoável que o fim desse conflito dependesse, exclusivamente, da completa destruição de uma das partes no litígio. Em verdade, o caminho mais aconselhável para pôr fim ao conflito seria "por meio da conclusão de um Tratado de Paz, em que se declaram solenemente terminadas todas as hostilidades e se estipulam as condições de paz entre os dois (ou mais) Estados envolvidos no conflito"¹³.

Merece esclarecer que, anteriormente a um Tratado de Paz, os Estados beligerantes poderão optar por executar uma fase preliminar, chamada de armistício, quando serão feitas uma série de ajustes para o encerramento das hostilidades¹⁴. Note-se, todavia, que o armistício não se confunde com a trégua. Esta última ocorre momentaneamente, com a finalidade militar, para que estejam suspensas as hostilidades por prazo rápido e temporário – seja para o enterro de mortos ou para evacuação de populações civis¹⁵.

¹² COSTA JÚNIOR, Emanuel de Oliveira. **A guerra no direito internacional**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 8, n. 114, 26 out. 2003. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/4415>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

¹³ MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014. P. 1182.

¹⁴ DINSTEIN, Yoram. **Guerra, Agressão e Legítima Defesa**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004. p. 50 a 67.

¹⁵ Op. Cit., p. 1183.

Esse caminho pacífico, porém, nem sempre é aquele escolhido pelas partes. Não raramente, o fim da guerra ocorre quando uma delas, por não possuir mais força beligerante para persistir no conflito, decide por sua rendição incondicional¹⁶. Este último caso reflete, sobremaneira, a situação da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, que foi completamente vencida e imobilizada pelas tropas Aliadas, no ano de 1945.

3. HISTÓRICO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Neste capítulo, será traçado um breve histórico sobre a Segunda Guerra Mundial – evento que culminou na Conferência aqui simulada. Para estabelecer os ditames da ordem pós-guerra é necessário, antes de tudo, entender o que levou os países envolvidos ao conflito.

Primeiro, será tratada a ascensão do regime nazista na Alemanha, a qual teve papel crucial para o início da guerra em 1939. Em seguida, será trabalhada a Segunda Guerra propriamente dita, explanando-se como estava o contexto geopolítico mundial durante aquele período, seguido por uma breve análise do que foi o Holocausto.

Por fim, serão abordadas as Conferências de Teerã (1943) e Ialta (1945) as quais antecederam a Conferência de Potsdam, na tentativa de traçar diretrizes para a Europa do pós-guerra.

3.1. A Ascensão do Regime Nazista Alemão

Para tratar sobre a ascensão do Partido Nacional-Socialista e da posterior chegada de Hitler ao poder em 1933¹⁷, é imprescindível remontar ao período anterior vivido pela Europa.

A Grande Guerra, ocorrida entre 1914 e 1918, foi crucial para o desenrolar da política europeia das décadas subsequentes. Suas resoluções, em especial para

¹⁶ Op. Cit., p. 1182.

¹⁷ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Hitler Sobe ao Poder**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007671>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

Alemanha que saiu derrotada, foram extremantes determinantes para ascensão dos regimes totalitários que vieram a se instalar no continente europeu.

O Tratado de Versalhes, assinado em 1919, colocou fim de forma oficial à Primeira Guerra Mundial e instituiu diversas obrigações aos alemães. De acordo com o documento, os germânicos deveriam aceitar todos os ônus e responsabilidades de terem causado a guerra, o que levou a um enfraquecimento político, econômico e militar alemão.

Dentre as sanções estabelecidas, os vencedores impuseram à República de Weimar¹⁸ a perda de 18% do seu território (tanto de áreas fronteiriças, como de colônias sobre o oceano e continente africano), a restrição do tamanho do seu exército e uma reparação monetária aos países da Tríplice Entente (a Grã-Bretanha, a França e o Império Russo) pelos prejuízos causados pelo conflito, a qual deveria ser paga em um prazo de 30 anos e que chegava ao valor de 132 bilhões de marcos de ouro¹⁹.

A austeridade das sanções impostas causou uma humilhação sem precedentes à nação alemã e, por consequência, descontentamento em diversas camadas da população.

As condições às quais o país foi submetido geraram uma grande crise econômica e fragilizaram o sistema político. O governo democrático existente à época passou a ser considerado culpado pela situação, o que deu espaço para que os ideais do primeiro núcleo do partido nazista florescessem. Em 1923, embora restrito à região da Baviera, o Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterparte* – NSDAP) já contava com mais de 20 mil inscritos²⁰ para seu primeiro congresso.

Durante o período compreendido entre 1923 a 1929, apesar do crescimento das ideias sustentadas pelo partido nazista, a Alemanha conseguiu retomar uma relativa estabilidade. Em termos políticos, no ano de 1925 ocorreram eleições que elegeram o

¹⁸ República de Weimar é a nomenclatura pela qual a Alemanha ficou conhecida durante o período compreendido entre 1919 a 1933. Até a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ainda era um império. No entanto, com a derrota ao fim do conflito, o Império Alemão entrou em colapso, sendo instituída a forma republicana de governo. Após uma assembleia constituinte na cidade de Weimar, iniciada no dia 06 de fevereiro de 1919, foi implementado um modelo bicameral, com duas casas legislativas, o *Reichstag* (Parlamento) e o *Reichsrat* (Assembleia).

¹⁹ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 16 e 1

²⁰ *Ibid.*, p. 18.

Marechal Paul von Hindenburg, herói da Primeira Guerra Mundial, como presidente²¹. Todavia, três anos depois, as eleições parlamentares indicaram sinais de uma crise política que estava por vir.

Ressalta-se, entretanto, que antes disso, em 1923, houve importantes marcos no âmbito econômico: após uma reforma monetária, a situação de emergência até então persistente cessou²², contudo a desconfiança no Estado persistiu. As consequências das duras sanções impostas no pós-guerra ainda eram vívidas na mente dos alemães.

Concomitantemente, os Estados Unidos da América (EUA) financiaram a retomada econômica de diversos países europeus que haviam tido seus setores econômicos devastados. Mesmo diante das penalidades estabelecidas em 1919, os norte-americanos tinham consciência de que a economia alemã não poderia implodir por completo²³.

Nesse contexto, foram retomados os fluxos de crédito entre ambos os países, bem como foram realizados financiamentos por parte de bancos americanos para motivar a reestruturação econômica da República Alemã. Em 1927, a Alemanha atingiu os níveis produtivos do pré-guerra, participando ativamente da sistemática de importações e exportações mundiais²⁴.

Todavia, em 1929, a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque causou a primeira grande crise do capitalismo, que irradiou por todo o mundo. A Alemanha, devido aos laços firmados naquela década com os Estados Unidos, foi fortemente atingida pela Grande Depressão²⁵.

No país germânico se iniciou, novamente, um período de recessão produtiva, o qual culminou no aumento da pobreza, no senso de frustração e na falta de perspectiva generalizada. Os efeitos da crise mundial coincidiram com o crescimento eleitoral do partido nazista: a ideia de democracia estava devastada na consciência popular.

²¹ Ibid., p. 45.

²² Ibid., p. 23.

²³ ARTHMAR, Rogério. **Os Estados Unidos e a economia mundial no pós-Primeira Guerra**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2156/1295>>. Acesso em: 05 fev. 2017. p. 12.

²⁴ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 24.

²⁵ Ibid., p. 32 e 33.

Nesse mesmo sentido, o crescimento exponencial do desemprego, aliado à incerteza sobre o futuro, confluíram para o fortalecimento de ideais nacionalistas. Somado a esta conjuntura, a influência da tradição autoritária da Alemanha Imperial foi crucial para o fortalecimento do ideário nazista no imaginário coletivo.

Em três anos, o partido Nazista ampliou-se por todo país. O nacionalismo exacerbado e a tentativa de culpar os “não-arianos” pelos problemas que assolavam a nação alemã se disseminaram por meio da propaganda²⁶.

Destarte, no início de 1933 o Terceiro Reich foi implementado. Em junho deste mesmo ano, todos os outros partidos foram dissolvidos e colocados na ilegalidade, restando apenas o NSDAP como força política legal²⁷.

A ideologia nazista, pautada, sobretudo, na supremacia da raça ariana, logo se espalhou e se instituiu pela Alemanha. O *Führer* passou a controlar todo o aparato estatal, implementando uma nova estrutura institucional.

O uso da simbologia, por meio de campanhas de imprensa e festividades para exaltar o ideário hitlerista, foi determinante para o controle social das massas. Através do monopólio da informação e do uso da propaganda, controlou-se a opinião pública, facilitando a disseminação dos ideais do partido, por mais sórdidos que estes fossem.

O nazismo se pautava em dois vieses: na questão racial, vendia-se a ideia de que havia raças superiores e inferiores, de modo que deveria existir uma purificação da raça ariana; e na questão da expansão territorial, a qual apregoava a necessidade do povo alemão se expandir para além das próprias fronteiras. Com base nesse pensamento, para os jovens foi implantado o ideal de militarização, enquanto que para as mulheres a

²⁶ “Após a chegada do nazismo ao poder em 1933, Hitler estabeleceu o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, encabeçado por Joseph Goebbels. O objetivo do Ministério era garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádio, materiais escolares e imprensa.” **A propaganda política nazista.** Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

²⁷ MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a ocorrência de uma guerra.** 2010. Disponível em: <https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/lucas-martins-economia-de-guerra-da-alemanha-nazista_-como-a-economia-comporta-se-frente-a-ocorrencia-de-uma-guerra.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017. p.

propaganda governamental fixou o ideal de que elas deveriam procriar em prol da pátria²⁸.

Outro fator essencial para a ascensão do Partido Nacional-Socialista foi o enquadramento hierárquico através do trabalho. Adotou-se um modelo de intervenção estatal, sem que houvesse uma completa estatização da economia, de modo que o Estado, na figura do *Führer*, passou a controlar a organização do trabalho por meio de leis, como por exemplo a Lei do Trabalho Nacional de 1934²⁹. O Estado indiretamente controlava e moldava o papel das empresas na economia. Com tais intervenções, Hitler conseguiu em pouco tempo dar à população a impressão de melhorias econômicas efetivas.

Diante do esfacelamento do Estado e todo o descrédito da população na democracia que até então vigorava, o nazismo conseguiu ascender por todas as classes da sociedade alemã. Em razão disso, as obrigações políticas foram levadas inclusive para o âmbito privado.

Na promessa de tornar a Alemanha a maior nação do globo, Hitler passou a voltar sua economia para a produção bélica. Instituiu, para tanto, o Plano Quadrienal, o qual teve como base a criação de postos de emprego para o rearmamento do país³⁰.

Assim, com uma economia voltada para a autossuficiência em caso de guerra somada aos ideais racistas e expansionistas, o *Führer*³¹ possuía a combinação ideal para o desencadeamento da Segunda Guerra Mundial no ano de 1939.

²⁸ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 61 e 62.

²⁹ Ibid., p. 80.

³⁰ MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a ocorrência de uma guerra**. 2010. Disponível em: <https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/lucas-martins-economia-de-guerra-da-alemanha-nazista_-como-a-economia-comporta-se-frente-a-ocorrencia-de-uma-guerra.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017. p. 27 e 28.

³¹ *Führer* é a palavra em alemão que significa "condutor", "guia", "líder" ou "chefe". Embora a palavra permaneça comum no alemão, está tradicionalmente associada a Adolf Hitler, que a usou para se designar líder da Alemanha Nazista.

3.2. O Contexto Geopolítico no Período da Segunda Guerra Mundial

A Segunda Guerra Mundial é um dos mais complexos conflitos armados ocorridos na história da humanidade. Os fatores que levaram ao seu desencadeamento são múltiplos, sendo impossível traçar uma definição única sobre seu desenrolar.

O contexto político europeu durante toda a década de 1930 e os inúmeros pactos firmados entre as nações durante essa época formaram um cenário determinante para a eclosão do conflito.

Além da própria disputa pela hegemonia entre as potências europeias, o período entre guerras foi marcado por uma forte disputa ideológica. De um lado, o nazifascismo; de outro, as democracias ocidentais aliadas à União Soviética.

O conflito que se iniciou de forma oficial no dia 03 de setembro de 1939 tem suas raízes alguns anos antes. Consoante explanado no tópico anterior, os efeitos causados pela Primeira Guerra Mundial e, principalmente, pelas cláusulas impostas pelo Tratado de Versalhes geraram um sentimento generalizado de insatisfação entre o povo alemão.

Durante a reconstrução do país que fora devastado, implantou-se na população um sentimento nacionalista exacerbado, surgindo a necessidade de se rever as cláusulas estipuladas ao final da Primeira Guerra, tidas como humilhantes para a população alemã, ainda perdurava um forte sentimento revanchismo alemão contra os termos de Versalhes. Logo no início do seu governo, Hitler abandonou a Sociedade das Nações³², reivindicando liberdade para as decisões que viriam a ser tomadas pelo Terceiro *Reich*.

Após abandonar a Liga, a Alemanha iniciou uma série de tratativas bilaterais, sendo a primeira, em 1934, a celebração de um pacto decenal de não-agressão com a Polônia. Em seguida, no mesmo ano, tentou anexar a Áustria ao seu território, entretanto não obteve sucesso.

³² A Sociedade das Nações, também conhecida como Liga das Nações foi uma organização internacional criada em 1919, ao final da Primeira Guerra Mundial, para criar resoluções sobre o futuro da Europa após o conflito.

Em 1935, o *Führer* rompeu mais uma vez com os compromissos assumidos pela Alemanha em 1919 e reintroduziu o alistamento obrigatório no serviço militar³³, demonstrando indícios de que a política expansionista defendida pelo regime iria se concretizar.

No âmbito da política externa, aproximou-se da Itália, apoiando a invasão da Etiópia pelas tropas de Mussolini³⁴. Em 1936, quando eclodiu a guerra civil espanhola, que se mostrou como um grande ensaio para o que estava por vir três anos depois³⁵, Hitler logo tomou uma posição.

De um lado, apoiando a força nacional-fascista espanhola estavam Itália e Alemanha; do outro, defendendo os ideais bolcheviques, estava a União Soviética. Nesse ínterim, a aliança ítalo-germânica se solidificou de tal modo, que Mussolini proclamou a existência de um eixo Roma-Berlim³⁶. E, a partir daí, a Itália passou a apoiar todas as iniciativas expansionistas germânicas.

Em 1937, a conjuntura internacional demonstrava cada vez mais indícios do que estaria por vir. A França e a Grã-Bretanha, potências ocidentais que supostamente teriam mais interesses em barrar a expansão nazista, demonstravam inércia em relação a uma possível política de oposição.

Outro prenúncio do que estaria por vir foi a remilitarização da região da Renânia no ano de 1936. Tal área se localizava no oeste do Rio Reno, na Alemanha e durante muitos anos foi a principal região industrial do país, produzindo, sobretudo, carvão e aço. Além da importância econômica, a Renânia formava uma barreira natural entre os germânicos e os franceses, constituindo um difícil obstáculo em caso de guerra.

³³ MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a ocorrência de uma guerra.** 2010. Disponível em: <https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/lucas-martins-economia-de-guerra-da-alemanha-nazista_-como-a-economia-comporta-se-frente-a-ocorrencia-de-uma-guerra.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017. p. 12.

³⁴ Ibid., p. 12.

³⁵ O regime instaurado na Espanha após a Guerra Civil, em 1939, tinha base ideológica semelhante ao nazifascismo. Sob a autoridade do General Franco, instaurou-se no país a época conhecida como Franquismo: durante 36 anos os espanhóis vivenciaram um Estado centrado na figura do ditador, marcado pelo nacionalismo exacerbado, pela política anticomunista e pelo autoritarismo.

³⁶ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo.** São Paulo: Larousse, 2009. p. 128.

Consoante os termos estipulados no tratado de Versalhes, os alemães não poderiam manter suas forças militares ao longo de 50 km da área. No entanto, devido sua importância para a retomada do crescimento industrial, bem como para proteção do país em caso de invasão, Hitler rompeu com a cláusula de desmilitarização e reocupou a zona³⁷.

Movido pelo ideal de construir uma “grande Alemanha”, o próximo passo de Hitler seria ampliar o *Reich*³⁸ pela Áustria, que até então se mantinha isolada em nível internacional. Primeiro, o *Führer* tentou se utilizar da política oferecendo um acordo ao chanceler austríaco. No entanto, diante da negativa, na noite de 10 de março de 1938, foi dada a ordem ao 8º Exército alemão para marchar sobre Viena, sendo proclamada a anexação da Áustria ao Reich, em evento que ficou conhecido como o *Anschluss*, concretizando o antigo sonho de reunificação dos “irmãos alemães”³⁹.

Para além da Europa, o Partido Nazista aproximou-se do Japão, através do Pacto *Anti-Komintern*, assinado em novembro de 1936. Consoante tal documento, os dois países possuíam um acordo de colaboração contra a atividade internacional comunista.

Após o *Anschluss*, o NSDAP decidiu expandir sua ofensiva para a Tchecoslováquia. Em princípio, Hitler afirmou que gostaria de anexar apenas a região dos Sudetos, e desse modo, em 1938, foi realizada a Conferência de Munique, oportunidade na qual se reuniram os chefes de Estado da Alemanha e Itália e os primeiros-ministros da França e da Grã-Bretanha. Nela os três estadistas renderam-se às reivindicações do *Führer*, sob o pretexto de que assim satisfariam todas as pretensões nazistas e manteriam a paz na Europa. Conquanto, o objetivo real alemão era prosseguir o desmembramento completo da Tchecoslováquia, conforme foi feito durante os seis meses subsequentes.

Muito se questiona sobre a omissão da Liga das Nações frente às investidas alemãs, uma vez que as principais forças do ocidente fechavam os olhos para os

³⁷ **The Importance of the Rhineland.** Disponível em:

<<http://www.bbc.co.uk/bitesize/higher/history/roadwar/rhine/revision/1/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

³⁸ *Reich* em alemão significa império. Tal terminologia foi bastante utilizada por Hitler, o qual intitulava seu governo de “Terceiro Reich”.

³⁹ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo.** São Paulo: Larousse, 2009. p. 127 e 128.

avanços perpetrados pelo nazismo. A não intervenção desses países tinha como justificativa o sentimento comum de ódio pelos comunistas. Para todos, o avanço da Alemanha servia como uma barreira ocidental para os ideais do comunismo soviético.

Nesse ponto, é necessário evidenciar que após a reunião ocorrida em Munique, Joseph Stálin já previa os sinais de uma possível guerra entre a URSS e a Alemanha, com a conivência do mundo ocidental.

Em abril de 1939, Hitler denunciou o pacto de não-agressão firmado em 1934 com a Polônia⁴⁰. Nesse ínterim, temendo a expansão nazista, a União Soviética se submeteu ao jogo diplomático ofertado pelo chefe do Estado alemão. Já na data de 23 de agosto daquele ano, as duas nações assinaram o Pacto *Molotov-Ribbentrop*⁴¹, um acordo de não-agressão. Ficou estabelecido que ambos países se comprometiam a se manterem afastados uns dos outros em termos bélicos e que em caso de guerra de um dos dois países com um terceiro, este não receberia nenhum apoio.



Figura 2 - A imagem retrata a aliança entre Hittler e Stalin, após assinatura do pacto de não-agressão Molotov-Ribbentrop⁴²

⁴⁰ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 139.

⁴¹ A charge satiriza o pacto firmado entre Hitler e Stalin, demonstrando os dois noivos após firmaram alianças. KINKARTZ, Sabine. **1939: Assinado o Pacto de Não Agressão**. Disponível em: <<http://dw.com/p/2a0c>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

⁴² BEZERRA, Eudes. **Pacto Molotov-Ribbentrop: o casamento de Hitler e Stalin**. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/pacto-molotov-ribbentrop/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

A aparente paz, após inúmeros acordos diplomáticos firmados pelo *Führer*, não durou muito tempo. No dia 1º de setembro de 1939, sem declaração de guerra, as tropas alemãs invadiram a Polônia. Dois dias depois, a situação se tornou insustentável, levando a França e a Grã-Bretanha declararam guerra à Alemanha.

Iniciava-se, assim, o maior conflito do século XX.

Os ataques alemães ficaram conhecidos como *Blietzkrieg*, que significa guerra-relâmpago, pois eram empregadas inúmeras forças blindadas, que atacavam rapidamente a partir de diversas partes convergindo para o centro. Sob esse tipo de ataque, o exército polonês enfrentou severas dificuldades e, em poucos dias, a capital polonesa, Varsóvia, foi destruída por bombardeios. No final de setembro, então, foi assinado o armistício, de modo que os territórios ocidentais foram anexados ao *Reich* e os orientais à URSS, respeitando o Pacto firmado entre as duas nações.

Após ter sido dado início ao conflito, este se disseminou por toda Europa. Em 30 de novembro de 1939, Stálin atacou a Finlândia e invadiu também a Estônia, a Letônia e a Lituânia, obtendo então o controle total do porto russo de Murmansk e garantindo a segurança de Leningrado⁴³.

No prelúdio de 1940, os nazistas alcançaram a Dinamarca e a Noruega, com o objetivo de isolar a Grã-Bretanha⁴⁴. Em 10 de maio invadiram a Holanda, a Bélgica e Luxemburgo, derrotando-os rapidamente, como forma de alcançarem um dos seus maiores objetivos: o domínio da França. Em seguida, as tropas alemãs chegaram no Canal da Mancha e continuaram a avançar até o dia 14 de junho, quando entraram em Paris e assinaram alguns dias depois o armistício^{45 46}.

⁴³ MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a ocorrência de uma guerra.** 2010. Disponível em: <https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/lucas-martins-economia-de-guerra-da-alemanha-nazista_-como-a-economia-comporta-se-frente-a-ocorrencia-de-uma-guerra.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017. p. 15.

⁴⁴ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo.** São Paulo: Larousse, 2009. p. 139.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 140 e 141.

⁴⁶ O sentimento de revanchismo alemão em relação aos termos estipulados no tratado de Versalhes era tão acentuado, que Hitler fez questão de assinar o armistício no mesmo trem usado em 1918, ao final da Primeira Guerra Mundial. A simbologia de assinar no mesmo local era uma forma de compensar a humilhação vivenciada pelos alemães. Ressalte-se ainda que, para Hitler, a derrota no

A queda da França configurou o ápice dos objetivos nazistas no ocidente: o projeto encabeçado por Hitler triunfava.



Figura 3 - Hitler (ao centro) posa para foto próximo à Torre Eiffel, Paris.⁴⁷

Após dominar a França, restava ao líder nazista tentar destruir seu outro inimigo histórico: a Grã-Bretanha. Desse modo, milhares de aviões alemães bombardearam as cidades britânicas, sobretudo nas áreas portuárias e nos centros industriais.



Figura 4 - Destruição em Londres após ataque aéreo nazista⁴⁸

conflito foi um jogo político criado pelos aliados, com o fito de menosprezar a supremacia germânica e ganhar a guerra por meios ardilosos.

⁴⁷ WIKIPEDIA. **Hitler in Paris, 23 June 1940**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hitler_in_Paris,_23_June_1940.jpg>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁴⁸ KALMYKOVA, Svetlana. **Bombardeio de Londres: início do terror aéreo** **Leia mais:** https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_09_08/Bombardeio-de-Londres-in-cio-do-terror-a-reo-7655/. Disponível em:

Diante da ofensiva alemã, Winston Churchill assumiu o cargo de primeiro-ministro britânico e, de imediato, fez acordos com o então presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, para que este o ajudasse com armamentos. Com o apoio norte-americano à Grã-Bretanha, o *Führer* decidiu mudar seu projeto de ataque.

Iniciou-se, assim, a chamada Operação Barbarossa, na qual, em 22 de junho de 1941, a Alemanha atacou pela primeira vez a União Soviética, rompendo com o Pacto *Molotov-Ribbentrop*. Com 153 divisões⁴⁹, Hitler esperava sair vitorioso em poucos meses, todavia suas previsões não se concretizaram tal qual ele imaginava.

A princípio, os avanços conquistados pelo exército alemão foram avassaladores. Em poucos meses, Leningrado foi sitiada e em outubro as tropas nazistas já estavam nas proximidades de Moscou. Porém, a Alemanha não contava com um fator surpresa: o inverno russo. Apesar de o Exército Vermelho ter sofrido inúmeras baixas, ainda se mantinha combatente e, aproveitando-se do fato das tropas nazistas não estarem preparadas para o frio rigoroso, começou a contra-atacar.

A guerra-relâmpago até então empreendida pelos germânicos como estratégia principal mostrava seus sinais de debilidade quando aplicado às condições climáticas adversas do inverno russo. As grandes perdas do exército hitlerista levaram à mobilização de todos os seus recursos em prol da operação Barbarossa.

Além dos óbices encontrados no território soviético, os nazistas enfrentaram dificuldades severas quando foram auxiliar as forças fascistas na Itália e abriram um enorme buraco para a entrada das tropas aliadas no território.

Até meados de 1944, a crença em toda Europa era de que a guerra seria vencida pelos Países do Eixo. Contudo, a partir desse ano os alemães começaram a perder força, e, então, o conflito passou pela sua grande reviravolta.

O marco da mudança de paradigma sobre quem seriam os vitoriosos ocorreu no dia de 06 de junho de 1944, com o desembarque da Normandia, conhecido como “Dia

<https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_09_08/Bombardeio-de-Londres-in-cio-do-terror-a-reo-7655/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁴⁹ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 144 e 145.

D” e liderado pelo bloco aliado, sobretudo pelos Estados Unidos da América⁵⁰. Mais de 600 mil homens foram enviados para a batalha⁵¹, de modo que os aliados passaram a ter não apenas superioridade numérica, mas também em eficiência, afinal, naquele estágio do conflito as forças alemãs de defesa estavam reduzidas.

O sucesso do apoio americano foi rápido e notório. Em 25 de agosto de 1944, Paris foi libertada; em 03 de setembro os aliados também retomaram a capital da Bélgica; e, em 21 de outubro, chegaram à primeira grande cidade alemã, Aachen⁵².

As potências aliadas avançavam cada vez mais pelos territórios germânicos e os bombardeios às cidades alemãs tornaram-se frequentes. O governo nazista tentava sustentar a propaganda do triunfo do *Reich* e do perigo judaico/bolchevique, alimentando na população o sentimento de que era necessário dar continuidade ao conflito.

Entretanto, àquela época, a situação interna do partido nazista já passava por sérias dificuldades e a maioria da população alemã já ansiava pela paz. Ao mesmo tempo, os aliados adentravam mais e mais no território alemão, descobrindo os horrores perpetrados pelo regime nazista, conforme será explanado no tópico seguinte (3.3).

Ainda em 1944, a Itália saiu do conflito, após os aliados terem desembarcado na Sicília e terem forçado um golpe de estado contra Mussolini. O Japão, por sua vez, encontrava resistência dos Estados Unidos nas suas conquistas pelo Pacífico. Pouco a pouco, as potências do Eixo ruíam e apresentavam fortes indícios de derrota.

Desde os fins de 1943, os aliados ansiavam pela reviravolta e passaram a se reunir em conferências com o fim de pensar a ordem europeia do pós-guerra. Em 1945, a situação tornou-se insustentável, e em 30 de abril, Hitler, que há um tempo estava refugiado em seu *Bunker*⁵³ na cidade de Berlim, se suicidou⁵⁴.

⁵⁰ **GUERRAS Mundiais.** Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais-mussolini-o-golpista>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

⁵¹ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo.** São Paulo: Larousse, 2009. p. 160.

⁵² Ibid., p. 60.

⁵³ ISABEL. **Führerbunker – O Bunker de Hitler.** Disponível em: <<http://simplesmenteberlim.com/fuhrerbunker-onde-fica-o-bunker-de-hitler/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

⁵⁴ Após as derrotas seguidas e o início da desintegração do Terceiro *Reich*, Hitler passou a residir no seu *Führerbunker* em janeiro de 1945. Entretanto, o líder se recusava admitir a derrota levando à destruição maciça da infraestrutura alemã. No final de abril, a situação estava insustentável: as forças soviéticas entraram em Berlim e foram batalhando em seu caminho para o centro da cidade onde a

Com a morte do *Führer*, as negociações para o fim da guerra se intensificaram, culminando na Conferência de Potsdam em agosto daquele mesmo ano.

À época, tinha-se a ideia de que a guerra havia sido devastadora, mas não havia números concretos do quanto. Atualmente, é possível mensurar a real dimensão da tragédia que foi a Segunda Guerra Mundial. Em números gerais, aproximadamente 50 milhões de pessoas perderam suas vidas⁵⁵ das mais variadas formas, tornando-a o conflito armado com o maior número de mortos que se tem conhecimento até os dias de hoje.

3.3. Holocausto

Ao falar em Segunda Guerra Mundial remontamo-nos quase que automaticamente ao Holocausto. Desse modo, tal assunto não poderia ficar de fora do nosso Guia, ainda que à época da Conferência de Potsdam não se tivesse conhecimento real da dimensão daquela barbárie.

O termo tem origem grega e significa "sacrifício pelo fogo"⁵⁶, no entanto, ficou conhecido mundialmente por definir a política baseada na perseguição e no extermínio empreendida pelo governo nazista durante as décadas de 1930 e 1940.

Quando se trata de tal temática há, ainda, uma forte dúvida em relação à abrangência dessa palavra. Para muitos, tal terminologia se limita à opressão empregada pelo regime nazista aos judeus. Contudo, em uma acepção mais ampla, existe o entendimento de que o termo Holocausto refere-se a todas as políticas alemãs de extermínio que foram empreendidas desde a ascensão do Partido Nazista até o final da

Chancelaria era localizada. Além disso, no dia 28 daquele mês, Mussolini, principal aliado de Hitler, foi executado na Itália. Diante das circunstância, recusando-se assumir a derrota e ter o mesmo destino do seu aliado, dois dias depois, com um tiro na têmpora direita, o *Führer* se suicidou. Além dele, também se suicidaram sua esposa, Eva Braun, com uma cápsula de cianureto e a família de Joseph Goebbels, ministro da propaganda durante o nazismo. Após a morte do líder absoluto do Estado alemão, quem assumiu o poder temporariamente foi o militar Karl Dönitz.

⁵⁵ AGUIAR, Livia. **Os 12 conflitos armados que mais mataram pessoas**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-12-conflitos-armados-que-mais-mataram-pessoas/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

⁵⁶ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Holocaust**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007867>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

Segunda Guerra Mundial, abarcando também os demais grupos que foram marginalizados. Aqui, adotaremos a segunda e mais ampla concepção do termo.

O Holocausto consistiu na concretização do ideário defendido pelo nazismo de supremacia da raça ariana – tida como a única raça pura. De acordo com os seus fundamentos ideológicos, a população era dividida entre os *volksgemeinschaft* (comunidade do povo) e os excluídos, ou seja, todos aqueles não-arianos⁵⁷. Para perpetuar a ideia de pureza era preciso, então, eliminar aqueles que fugiam ao padrão.

Assim, negros, homossexuais, deficientes físicos e mentais, Testemunhas de Jeová, ciganos, povos eslavos (poloneses e russos) e, sobretudo, judeus foram classificados como seres que deveriam ser banidos do convívio, pois “contaminavam” a pureza ariana⁵⁸. Sob tal ideologia, estima-se que o Holocausto fez entre quinze a vinte milhões de vítimas⁵⁹, tornando-se o evento mais bárbaro a ser lembrado no século XX.

Primeiro, é importante esclarecer que apesar de vincularmos automaticamente o Holocausto aos campos de concentração, o que houve na verdade foi um processo muito mais amplo e dado também em outros espaços como, por exemplo, nos guetos.

A segunda ponderação a ser feita diz respeito ao termo campo de concentração, que é comumente utilizado no seu sentido *lato sensu*, compreendendo todos os espaços nos quais eram enviados os indesejados pelo nazismo. Porém, é preciso ressaltar que existiam dois tipos de campos: os de concentração e os de extermínio.

Além disso, o Holocausto matou milhares de pessoas das mais variadas formas, desde fuzilamentos até as conhecidas câmaras de gás⁶⁰. Ademais, inúmeras vítimas, principalmente os judeus, foram utilizadas para experimentos médicos⁶¹.

⁵⁷ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 105 e 106.

⁵⁸ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Holocaust**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007867>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

⁵⁹ LICHTBLAU, Eric. **The Holocaust Just Got More Shocking**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/03/03/sunday-review/the-holocaust-just-got-more-shocking.html>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

⁶⁰ LIBRARY, Jewish Virtual. **Concentration Camps: What are Concentration Camps?** Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/what-are-concentration-camps>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

⁶¹ LIBRARY, Jewish Virtual. **The Holocaust: Nazi Medical Experiments**. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/nazi-medical-experiments>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

Feita tal ponderação acerca dos termos, iniciemos uma breve abordagem sobre o que foi e como se deu o Holocausto.

Apesar de estar vinculado ao período da Segunda Guerra, o processo de extermínio se iniciou em um período anterior ao início do conflito. Em 20 de março de 1933⁶², poucos meses após a tomada de poder por Hitler, o primeiro campo de concentração foi instalado em Dachau, nos arredores da cidade de Munique.

A princípio, foram criados para encarcerar os opositores políticos, os traidores da pátria, os comunistas, as Testemunhas de Jeová, os homossexuais e todos aqueles outros que possuíam um comportamento fora dos padrões sociais arianos instituídos pelo regime.

A *Schutzstaffel – SS* (a polícia do Estado nazista) tinha autoridade para prender pessoas arbitrariamente e por tempo indefinido, contudo, os métodos de prisão empregados criaram uma onda de terror na sociedade⁶³, resultando em uma pressão do Judiciário para que se parassem as prisões discricionárias. Com a intervenção, o número de prisioneiros diminuiu, de modo que alguns campos de concentração fecharam.

No entanto, com o passar do tempo, a política nazista disseminava cada vez mais os seus ideais de pureza de raça e soberania do povo ariano, investindo massivamente em propagandas para disseminar o ódio e o terror.

Dessa forma, no ano de 1934, quando Heinrich Himmler⁶⁴ assumiu o comando da *Geheime Staatspolizei - GESTAPO*⁶⁵, foi retomado o processo de fortalecimento dos campos de concentração. A partir desse momento, o Judiciário ficou impedido de intervir nas decisões tomadas pela polícia, de modo que a política de encarceramento daqueles que fugiam ao padrão se intensificou.

Até então, a perseguição aos judeus se limitava a seara legislativa. Através de decretos, os direitos eram pouco a pouco tolhidos. Logo após assumir o poder em 1933,

⁶² MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p.100

⁶³ LIBRARY, Jewish Virtual. **Concentration Camps: What are Concentration Camps?** Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/what-are-concentration-camps>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

⁶⁴ Himmler foi um dos principais líderes do Partido Nazista. Foi nomeado Comandante do Exército de Reserva e General Plenipotenciário para toda a administração do Reich por Hitler. Dessa maneira, foi um dos homens mais poderosos da Alemanha Nazi e um dos principais responsáveis pelo Holocausto.

⁶⁵ Polícia secreta alemã vinculada à SS.

Hitler emitiu a primeira normativa antissemita, que determinava o afastamento daqueles funcionários públicos de carreira que não fossem arianos. Em seguida, foram sancionadas leis que impediam os judeus de trabalhar em diversas áreas, bem como foi revogada a cidadania alemã para aqueles que haviam se naturalizado após a Primeira Guerra Mundial. Em 1935, os direitos políticos dos judeus foram cerceados e o casamento entre judeus e arianos proibidos, sob a justificativa de defesa da honra alemã.

Sistematicamente, os judeus estavam sendo excluídos da vida cotidiana.

Na noite de 9 de Novembro de 1938 (conhecida como Noite dos Cristais) foi desencadeada uma onda de violência contra os judeus na Alemanha, motivada pela morte de um funcionário da embaixada alemã em Paris por um judeu. Tal evento foi um divisor de águas na perseguição judaica, pois a partir deste momento a discriminação que antes se resumia à seara legislativa, passou à violência aberta: os semitas passaram a ser agredidos publicamente, suas lojas foram depredadas e as sinagogas queimadas.

Somado a isto, naquele mesmo ano, após a anexação da Áustria ao território alemão, a perseguição aos judeus se ampliou de tal maneira que os nazistas passaram a encarcerá-los pelo simples fato de serem judeus, iniciando assim o cruel processo de extermínio desse povo – que veio atingir o seu ápice com a política denominada de Solução Final, segundo a qual os judeus deveriam exterminados, fosse por envenenamento por gás, fuzilamento, atos aleatórios de terror, ou doenças e inanição.

Apesar da altíssima taxa de mortalidade nos campos de concentração, devido às condições de exaustão, inanição e maus tratos as quais os prisioneiros eram submetidos, importa ressaltar que o principal objetivo desses locais não era matar, mas sim utilizar aquela mão de obra para a produção industrial bélica⁶⁶.

Apenas em 1941, o Terceiro *Reich* construiu *Chelmno* – o primeiro campo que tinha como objetivo exclusivo matar⁶⁷. No ano seguinte, foram construídos três outros “campos da morte” (Treblinka, Sobibor e Belzec), bem como foram adicionados centros

⁶⁶ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 174 e 175.

⁶⁷ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Campos de Extermínio: visão geral**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

de extermínio em vários dos maiores campos de concentração já existentes, como, por exemplo, em Auschwitz⁶⁸.

Os campos de extermínio se caracterizaram, sobretudo, pelas câmaras de gás – ambientes hermeticamente fechados, onde os prisioneiros eram colocados, sob a justificativa de que tomariam banho⁶⁹. Ao contrário do que se imaginava, lá eram realizadas as maiores atrocidades conhecidas pelo mundo atual e no lugar da água, o que saíam dos chuveiros eram gases venenosos, matando por asfixiamento um incontável número de pessoas. Dessa forma, o processo de assassinato em massa ocorria de forma rápida e eficiente.

Sem dúvidas, os maiores atingidos pela política nazista foram os judeus. Em documentos oficiais do Terceiro *Reich*, a “Solução Final” era tratada como sendo uma forma prática de resolver a questão judaica.

Além dos campos de concentração e extermínio, os judeus foram marginalizados nos guetos – bairros, afastados dos centros urbanos, nos quais o povo judaico era obrigado a viver.

Apesar de serem “bairros” onde viviam apenas judeus, a vida nos guetos não destoava do que era vivenciado nos campos de concentração: também havia superlotação, de modo que várias famílias eram obrigadas a viver em uma mesma residência; as condições de higiene eram altamente precárias, tendo em vista que os sistemas de esgotos dessas áreas eram destruídos pelos nazistas⁷⁰; também não havia comida suficiente, pois os alemães permitiam que os residentes comprassem apenas pequenas quantidade de alimentos, insuficientes para a sobrevivência. Assim, o número de mortes por fome, frio e doenças era elevadíssimo.

Mas a barbárie perpetrada pela Alemanha Nazista foi além, e criaram-se mecanismos de extermínio dos mais variados possíveis. Além dos guetos e dos campos

⁶⁸ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 176.

⁶⁹ CABRAL, Danilo Cezar. **Como funcionavam as câmaras de gás na 2ª Guerra Mundial?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-funcionavam-as-camaras-de-gas-na-2a-guerra-mundial/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

⁷⁰ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **A vida nos Guetos**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007708>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

de concentração, eram utilizadas unidades móveis de extermínio, conhecidas como *Einsatzgruppen*, as quais agiam rapidamente, fazendo ataques surpresas à população⁷¹.

As primeiras unidades foram ativadas durante a ocupação da Áustria, em 1938. Após a invasão da União Soviética em 1941 o processo se intensificou e as unidades de extermínio se propagaram rapidamente pelos territórios conquistados.

Inicialmente, as vítimas eram obrigadas a entregar todos seus pertences de valor, bem como as suas roupas, as quais eram remetidas para a Alemanha. Posteriormente, os nazistas obrigavam-nas a marcharem para campos abertos, onde matavam os sobreviventes das marchas sinuosas a tiros ou em furgões de gás, jogando os corpos em valas coletivas.

Outro método de preservar a pureza do povo ariano, consoante apregoava Hitler, foi a criação de centros de eutanásia destinados aos portadores de deficiências mentais e físicas. Tendo em vista que esses locais ficavam em áreas isoladas, as vítimas eram encaminhadas para esses espaços sob o pretexto de que iriam ser tratadas. Todavia, eram registradas, submetidas a uma suposta consulta médica e depois encaminhadas para câmaras de gás, analogamente ao que acontecia nos campos e centros de extermínio.

Desse modo, os nazistas criaram uma política de extermínio em massa deveras eficiente, a qual só cessou com o fim da Segunda Guerra Mundial. No final do conflito, estima-se que dois terços de todos os judeus que viviam na Europa, antes dos nazistas ascenderem ao poder, foram assassinados, correspondendo ao número aproximado de seis milhões de pessoas⁷².

Muito se questiona sobre quem sabia do que estava sendo realizado pelo governo nazista. Os alemães em geral se mostraram orgulhosos ao enxergar Hitler como um líder que conseguiu lhes devolver a sensação de segurança e normalidade, além de combater o desemprego e a inflação. Com a propaganda exacerbada pelo nacionalismo, era natural que fechassem os olhos para as atrocidades por ele cometidas.

⁷¹ MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009. p. 172 e 173.

⁷² LIBRARY, Jewish Virtual. **The Holocaust: An Introductory History**. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/an-introductory-history-of-the-holocaust>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

Além daqueles que perderam suas vidas, inúmeros judeus viveram como refugiados no período compreendido entre 1933 a 1945. Estima-se que durante tal período mais de 340.000 judeus deixaram a Alemanha e a Áustria. Infelizmente muitos daqueles não conseguiram fugir para além da Europa e encontraram refúgio em países que posteriormente foram conquistados pela Alemanha⁷³.

Para além das fronteiras europeias muitos países da América do Sul receberam refugiados. No Brasil, por exemplo, destaca-se a história de Olga Benário – retratada no filme nacional Olga. Por ser comunista e esposa de Luís Carlos Prestes, Olga foi deportada pelo governo brasileiro para a Alemanha, em 1936. Foi presa pela Gestapo e então levada para *Banimstrasse*, prisão para mulheres, onde teve sua filha Anita Leocádia Prestes. Após sete anos na prisão, foi executada em 23 de abril de 1942, asfixiada na câmara de gás com mais 199 prisioneiras, no campo de extermínio de *Bernburg*⁷⁴.

3.4. Conferência de Teerã

Ao adentrarem o período mais crítico da Segunda Guerra Mundial, as superpotências chamadas de “Três Grandes” (Estados Unidos, União Soviética e Grã-Bretanha) se reuniram em uma série de encontros, a fim de conter o avanço das tropas nazistas. Dentre essas conferências, a primeira delas ocorreu na cidade de Teerã, de 28 de novembro a 01 de dezembro de 1943. Naquele contexto, a capital do Irã foi escolhida como sede da reunião em razão da recém-acabada desocupação de tropas britânicas e russas na localidade, que tinham invadido o país para evitar um governo pró-Eixo.

Contudo, as bases dessa Conferência já haviam sido formadas há, pelo menos, um ano em agosto de 1942, quando os líderes da Grã-Bretanha e da União Soviética, antigos adversários, uniram-se para derrotar Hitler, um inimigo comum. Na ocasião, durante um jantar, “Churchill mencionou a possibilidade de se montar uma liga, que se

⁷³ MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Os Refugiados**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005139>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

⁷⁴ WIKIPEDIA. **Olga Benário**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Olga_Benário_Prestes>. Acesso em: 20 mar. 2017.

encarregaria de ordenar o pós-guerra, encabeçada pelas três grandes democracias, entre as quais ele incluía a União Soviética, além dos Estados Unidos e a Grã-Bretanha”⁷⁵.

Alguns meses depois, em janeiro de 1943, seria a vez do presidente americano e do primeiro-ministro britânico se reunirem, em Casablanca⁷⁶, no Marrocos, o que resultaria no primeiro acordo durante a guerra. Nesse encontro, Roosevelt cunhou a chamada “rendição incondicional” alemã como o pré-requisito para o fim da guerra, o que Churchill temia ser muito inflexível e terminar sem resultado. De toda maneira, os Três Grandes viriam a concordar quanto à essa forma de tratar os o povo germânico e assim obter a sua capitulação.

Já na Conferência de Teerã, Josef Stálin, Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill viriam a firmar o primeiro acordo entre as três nações aliadas, oriundo de uma busca anglo-americana por cooperação com os soviéticos. Isso se deu visto a necessidade de negociações diretas entre os três, que mantinham relações bilaterais entre si⁷⁷, mas não em conjunto, o que viria a retardar os planos.

Stálin obteve êxito nos debates, conseguindo se sobressair nas negociações com o apoio de Roosevelt, que buscava a confiança do primeiro-ministro soviético por meio de uma postura “neutra”. Sua conivência com as propostas de Stálin gerou certo desconforto em Churchill, que se viu na obrigação de contrapor seu aliado para que a situação não saísse do controle. Tal como na imagem a seguir, pode-se perceber a posição de Roosevelt como articulador entre Stálin e Churchill:

⁷⁵ WAACK, William. Conferências de Yalta e Potsdam (1945). In: História da paz : os tratados que desenharam o planeta / Demétrio Magnoli, (organizador). — 2. ed. — São Paulo : Contexto, 2012. Vários autores.

⁷⁶ ARAUJO, Andre. A Conferência de Casablanca em 1943. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-conferencia-de-casablanca-em-1943>>. Acesso em 21/02/17

⁷⁷ Os britânicos e os soviéticos já mantinham contato antes da entrada na Guerra dos estadunidenses, e viam o país recém-chegado como um aliado forte política e financeiramente. Por outro lado, Estados Unidos e Reino Unido, parceiros de longa data, como potências ocidentais, temiam o poderio da URSS e seu avanço no leste europeu, o que poderia torná-la insuperável.



Figura 4 - Os Três Grandes reunidos em Teerã (da esquerda para direita: Stálin, Roosevelt e Churchill)⁷⁸

Destarte, o líder do governo britânico passaria a se sentir destoante naquele meio, frente ao claro abrandamento americano com os soviéticos, mas não abriu mão de pontuar seus interesses. Vale salientar que Stálin não se beneficiaria dos acordos à toa, pois o Exército Vermelho era o principal contendor das tropas nazistas, tanto pela vastidão das tropas e armamentos, quanto pelo favorecimento estratégico – tendo em vista que os russos eram favorecidos geograficamente, em comparação com seus aliados americanos e britânicos.

Após dias de negociação – acrescidos dos encontros paralelos que antecederam Teerã – pode-se considerar a conferência vitoriosa em traçar metas para tratar da Segunda Guerra Mundial a pequeno e médio prazo. Dentre as medidas de execução mais breves, estava o reconhecimento do governo iraniano, bem como o apoio à Turquia para adentrar a guerra.

Além dessas, houve também a criação da Segunda Frente contra os alemães, no norte da França, ao que se daria o nome de Operação *Overlord*. O chamado “Dia D” se

⁷⁸ STEWART, Will. Russian spy who “saved” Churchill, Stalin and Roosevelt from assassination dies, aged 87. <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2085371/Russian-spy-saved-Churchill-Stalin-Roosevelt-assassination-dies-aged-87.html>>. Acesso em 14/03/2017

tornaria a maior invasão anfíbia de todos os tempos, consoante foi explicitado anteriormente.

Há de se mencionar, ainda, o reconhecimento americano da anexação de parte da Polônia e dos países bálticos (Estônia, Letônia e Lituânia) pela URSS - fato que deriva do Pacto *Ribbentrop-Molotov*, de 1939. Os detalhes do pacto podem ser bem visualizados na imagem a seguir:

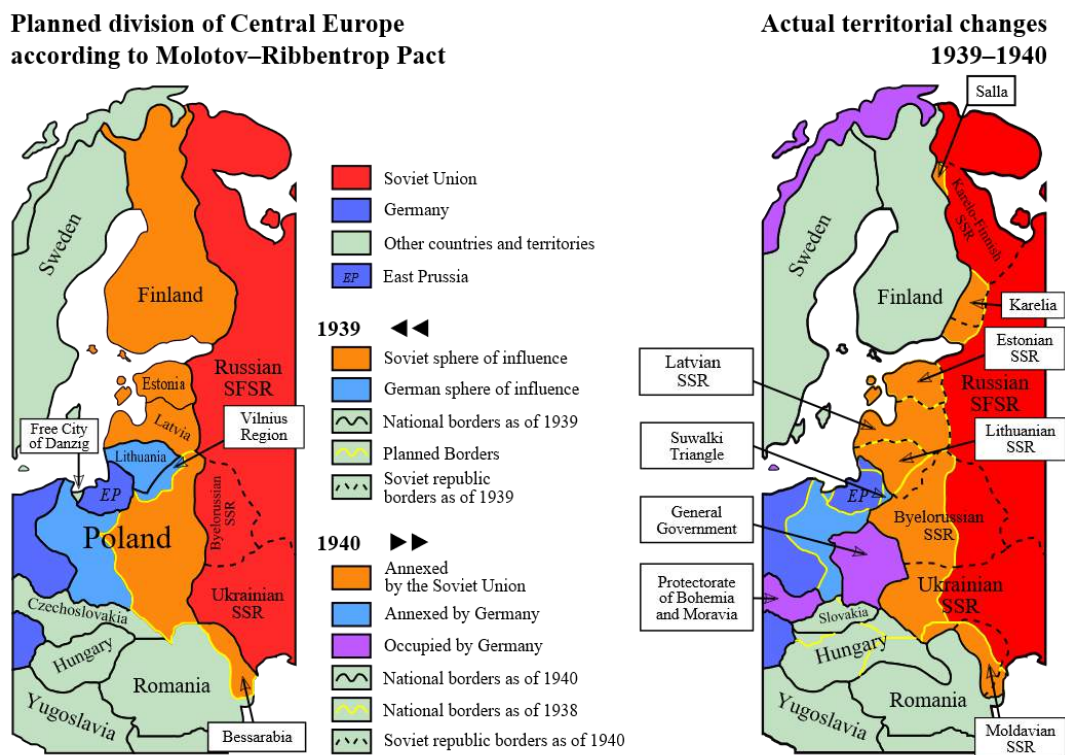


Figura 5 -Mapa das zonas de influência traçadas pelo Pacto Ribbentrop-Molotov versus as mudanças reais⁷⁹

Quanto às medidas a serem tomadas, houve a revisão da fronteira polonesa-alemã seguindo a Linha Curzon⁸⁰, estabelecida ao final da Primeira Guerra Mundial, mas nunca antes adotada. Ademais, os três concordaram que a Alemanha precisava

⁷⁹ CHOCANO, Ricardo. Pacto de no agresión germano soviético. Disponível em: <<https://pactogermanosoviético.wordpress.com/mapas/>>. Acesso em 21/03/2017.

⁸⁰ TISSOT, Guilherme. Política e Estratégia na Fase Final da Segunda Guerra: Setembro de 1944 - Setembro de 1945. 2009. Disponível em: <<https://guilhermetissot.wordpress.com/2009/10/19/politica-e-estrategia-na-fase-final-da-segunda-guerra-setembro-de-1944-setembro-de-1945/>>. Acesso em 14/03/2017

sofrer uma contenção para que não retornasse ao estágio anterior quando se recuperasse da guerra, e a solução encontrada foi a divisão de seu território em zonas de influência controladas por eles (posteriormente, incluiria também a França). Por fim, Roosevelt apresentou à Stálin a ideia de se formar a Organização das Nações Unidas, com um órgão de policiamento composto pelos Três Grandes e a China.

Deste modo, vê-se que a Conferência de Teerã lançou os parâmetros que viriam a ser seguidos nos dois anos seguintes pelas superpotências aliadas. Contudo, a esse êxito se atribui o fato de os chefes de governo estarem abertos ao diálogo, principalmente Stálin, visto que sua postura “calma” foi até uma surpresa para os outros líderes envolvidos. Hitler, por sua vez, ciente de que os acordos ali feitos seriam desfavoráveis a seus planos, ainda tentou operar um ataque contra os Três Grandes em Teerã – conhecida por Operação *Long Jump* – mas teria desistido ainda nos primeiros estágios de organização.

3.5. Conferência de Ialta

Dois anos se passaram, até que em fevereiro de 1945, os mesmos Três Grandes se encontraram novamente, dessa vez em Ialta, na península ucraniana da Crimeia. Dessa vez, o encontro foi motivado pela situação política instável de outra nação, visto que em “junho de 1944 surgira a necessidade de administrar a Polônia, então em boa parte livre dos nazistas e ocupada pelo Exército Vermelho”⁸¹.

Ainda com a guerra caminhando para o seu fim, Roosevelt, Stálin e Churchill, considerando-se vencedores sobre os nazistas e fascistas, iniciaram a discussão sobre a nova ordem internacional que se formaria no período pós-guerra⁸².

Dentre as pautas abordadas, a questão polonesa era a mais sensível, pois “coexistiam” dois governos: os poloneses exilados em Londres e outro denominado Comitê de Lublin, comunista. Consoante preleciona Altman,⁸³ temos:

⁸¹ WAACK, William. **Conferências de Yalta e Potsdam (1945)**. In: História da paz : os tratados que desenharam o planeta / Demétrio Magnoli, (organizador). — 2. ed. — São Paulo : Contexto, 2012. Vários autores.

⁸² DW. **1945: Conferência de Ialta sela ordem do pós-Guerra na Europa**. Disponível em: <<http://dw.com/p/6Cid>>. Acesso em 22/02/2017

Desde 17 de janeiro de 1945, o Comitê de Lublin, um governo provisório partidário dos soviéticos, se instalara em Varsóvia, a capital do país. Os poloneses e os alemães das províncias orientais eram empurrados em direção ao oeste pelas tropas soviéticas.

Por seu turno, os poloneses empurravam os alemães para além do rio Oder e seu afluente, o Neisse. No total, vários milhões de civis foram deslocados de suas habitações em poucos meses em condições brutais, aguardando-se uma redefinição de fronteiras.

Contudo, antes de o governo provisório soviético tomar posse de Varsóvia, os poloneses conseguiram manter-se no poder, por um bom tempo, mesmo em exílio na Grã-Bretanha. Sua queda teve início com o Levante de Varsóvia⁸⁴, um movimento polaco contra a ocupação nazista que durou de agosto de 1944 à janeiro de 1945, além de buscar, também, o controle da região antes que os soviéticos o fizessem.

Enquanto as tropas nazistas, mais equipadas e em maior número, derrubaram o levante, o Exército Vermelho já se aproximava, todavia, não adentraram no conflito para ajudar a derrubar os nazistas, apenas observaram o que se passava. Após cessados os combates, a frente soviética obteve êxito em retirar os alemães da capital polonesa, e lá estabeleceram um novo governo, provisório e comunista.

Em contrapartida, “o que mais chocou os líderes ocidentais foi a recusa de Stálin em permitir que aviões americanos e britânicos, que jogavam armas, munição e suprimentos para os insurgentes, pudessem reabastecer em território controlado pelos soviéticos⁸⁵”. Churchill via, com esse novo acontecimento, que a expansão soviética poderia criar uma potência incontrolável, agravada após a futura saída das tropas americanas da Europa; Roosevelt, por sua vez, continuou agindo da mesma maneira.

⁸³ ALTMAN, Max. Hoje na História: 1945 – Conferência de Potsdam discute futuro da Alemanha vencida. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/36053/hoje+na+historia+1945++conferencia+de+potsdam+discute+futuro+da+alemanha+vencida.shtml>>. Acesso em 12/03/2017

⁸⁴ HISTORY. **Tem início a Revolta de Varsóvia, na Polônia**. Disponível em: <<http://seuhistory.com/hoje-na-historia/tem-inicio-revolta-de-varsovia-na-polonia>>. Acesso em 12/03/2017

⁸⁵ WAACK, William. **Conferências de Yalta e Potsdam (1945)**. In: História da paz: os tratados que desenharam o planeta / Demétrio Magnoli, (organizador). — 2. ed. — São Paulo: Contexto, 2012. Vários autores.

Antes de encerrado o levante, os primeiros-ministros britânico e soviético se reuniram em um encontro bilateral, em Moscou, em outubro de 1944. Nessa oportunidade, foram discutidas as esferas de influência de seus países na região dos Bálcãs, e também na Hungria. Para ambos, era clara a divisão de que o lado leste europeu (onde o Exército Vermelho já se situava, vale salientar) ficasse sob a égide soviética, e de que Grécia, Portugal, Espanha, dentre outros, ficassem com os ocidentais⁸⁶.



Figura 6 - Da esquerda para a direita, Churchill, Roosevelt e Stálin em Ialta, de 04 a 11 de fevereiro de 1945

Como traz Angelo Segrillo⁸⁷:

Por um lado, Stálin fazia questão de ter a Europa oriental sob seu controle, como uma espécie de Estado-tampão, para evitar futuras invasões pelo lado oeste. Por outro, as grandes prioridades de Roosevelt eram outras: conseguir a colaboração de Stálin para que a União Soviética declarasse guerra ao Japão ao final do conflito na Europa, e para que seu país participasse da futura Organização das Nações Unidas. No hiato entre estes dois objetivos,

⁸⁶ Além disso, o reconhecimento da influência soviética na estreita faixa de países pobres da Europa centro-oriental, enquanto o resto do planeta permanecia sob o domínio do capitalismo (em particular norte-americano), evidencia o exagero da expressão “partilha do mundo”. Mesmo em termos de Europa, esta “partilha” não teria termo de comparação. O que veio a ser profundamente irônico foi que a área de influência soviética possuía uma esquerda relativamente débil, enquanto que na França e na Europa mediterrânea os comunistas constituíam uma força expressiva e autossustentada. Assim, a presença soviética no leste contrariava o *status quo* e produzia consideráveis conflitos, enquanto a presença norte-americana no oeste defendia os interesses estabelecidos, não resultando em maiores atritos. (VIZENTINI, 1997, p. 7)

⁸⁷ SEGRILLO, Angelo. A repartição do mundo. 2015. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/a-reparticao-do-mundo>>. Acesso em 16/12/2016

ficou subentendido que a Europa oriental ficaria para os soviéticos, assim como a parte ocidental estaria sob domínio anglo-americano.

A Conferência de Ialta foi o ponto alto de colaboração entre EUA e URSS, e demonstrou o declínio da Grã-Bretanha como potência mundial. O significado maior, implícito na Conferência, foi a chamada divisão de esferas de influência. Muitas deliberações foram feitas – há historiadores que defendem que, em Ialta, não foi decidido nada que fugisse do que já havia sido acordado em Teerã –, dentre elas, destaca Segrillo⁸⁸ a:

Rendição incondicional da Alemanha e sua divisão em quatro zonas de ocupação (russa, americana, britânica e francesa); desmilitarização e desnazificação do país, com pagamento de reparações aos soviéticos; consentimento da União Soviética em fazer parte da Organização das Nações Unidas e sua declaração de guerra ao Japão dois ou três meses após a batalha na Europa terminar; reconhecimento do governo provisório comunista na Polônia, com promessa de futuras eleições democráticas nesse país e nos outros do Leste europeu onde as tropas soviéticas expulsaram os nazistas⁸⁹.

Por fim, sobre a questão polonesa, os Aliados decidiram que o Governo de Lublin só poderia continuar se contivesse, também, membros poloneses, incluindo aqueles que ficaram exilados em Londres. Quanto às reparações que a Alemanha deveria fazer, houve divergência de pensamentos. Stálin, severo, buscava penas duras aos militares e todos os envolvidos com as tropas nazistas; Roosevelt, por sua vez, buscava a aplicação do plano Morgenthau⁹⁰ (Programa para Prevenir a Alemanha de Começar uma Terceira Guerra Mundial), formulado pelo seu então secretário do Tesouro, Henry Morgenthau.

Segundo o projeto, a Alemanha seria privada de suas instalações e maquinários industriais, ficando restrita à agropecuária. Todavia, pairava uma incerteza de se isso geraria um atraso para a reestruturação do continente como um todo, no período pós-

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Quanto à ocupação da Alemanha, os Três Grandes ainda não haviam definido muita coisa, deixando deliberações para serem feitas na Conferência de Potsdam, alguns meses após Ialta.

⁹⁰ JUDAISMO E MAÇONARIA. O plano Morgenthau de 1945. 2012. Disponível em: <<https://judaismoemaconaria.blogspot.com.br/2012/03/o-plano-morgenthau-de-1945.html>>. Acesso em 12/03/2017

guerra. Devido a este questionamento, a pauta foi levada à Conferência de Potsdam, a ser simulada.

3.6. As Preparações Para a Conferência de Potsdam

Em 12 de abril de 1945, poucos meses depois da Conferência de Ialta, a notícia da morte do então chefe de Estado norte-americano Franklin Delano Roosevelt, o qual desde sua reeleição em 1944 já apresentava um quadro de saúde agravado, representou um marco para a mudança no rumo das negociações estabelecidas no decorrer das Conferências de Teerã (1943) e Ialta (1945).

O seu sucessor e vice, Harry S. Truman, ao assumir o mais alto cargo político estadunidense, recebeu em suas mãos um governo totalmente centralizado, em que os debates mais difíceis acerca da política externa e das estratégias militares na guerra estavam concentrados nas mãos de Roosevelt, de forma que nenhum assessor tivesse conhecimento de todos os detalhes. Nem mesmo o próprio Truman, que nunca foi incluído em tais conversas.



Figura 7 - Harry S. Truman⁹¹

⁹¹ Harry S. Truman. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_S._Truman>. Acesso em: 26/03/2017.

Não obstante a crise informacional vivida pelo governo, o novo presidente teria que enfrentar mais um desafio: a manutenção dos laços pessoais criados por Roosevelt com Churchill e Stálin, fato de extrema relevância para a continuação das relações diplomáticas já estabelecidas.

Outro aspecto determinante para a mudança do panorama político pós Conferência de Ialta (1945) ocorreu no dia 25 de abril do mesmo ano. Logo após o Presidente Americano proferir o discurso de abertura da Conferência de São Francisco⁹² foi informado pelo general Leslie Groves acerca da existência do projeto Manhattan, o qual objetivava desenvolver bombas atômicas uma arma sem precedentes cujos poderes, bem como efeitos no cenário da geopolítica mundial ainda eram desconhecidos.

Todavia, não obstante as mudanças repentinas na política interna estadunidense, o líder soviético Stálin estava disposto a manter o laço ora desenvolvido com Roosevelt, propondo um primeiro encontro antes da Conferência de Potsdam (1945) com o sucessor do falecido presidente. Essa hipótese causou certo desconforto em Churchill, o qual passou a manifestar cada vez mais críticas ferrenhas à União Soviética, chegando a qualificá-los como “grave ameaça à paz e aos interesses dos aliados ocidentais⁹³”.

Ao desembarcar em Potsdam, localizada nos arredores de Berlim na Alemanha, Truman foi procurado imediatamente pelo *premier* britânico, sendo tal encontro concretizado apenas no dia seguinte, 16 de julho de 1945, nas ruínas da Chancelaria⁹⁴. No mesmo dia, Stálin já se encontrava na mesma cidade dos demais “Grandes”, e tinha total ciência das possíveis mudanças que a nova conferência guardava. Também foi em 16 de julho de 1945 que o presidente americano recebeu a notícia do êxito alcançado no deserto de Alamogordo, localizado no Novo México, onde foi testada, com sucesso, a primeira bomba atômica.

Logo no primeiro encontro entre os líderes soviético e americano, o então “Generalíssimo”, título qual Stálin se chamava, deixou claras suas pretensões em adentrar na Guerra do Pacífico, bem como, acirrar a rivalidade existente com Churchill.

⁹² A Conferência de São Francisco (1945), com sede na cidade americana de mesmo nome, tratava da necessidade de fundação pela comunidade das nações de um organismo capaz de impor a paz.

⁹³ WAACK, 2012, p. 236.

⁹⁴ WAACK, 2012, p. 237.

Todavia, apesar da grande relevância das reuniões extraoficiais entre os Três Grandes, os maiores e mais importantes debates travados antes da Conferência de Potsdam (1945) foram protagonizados pelos ministros das relações exteriores, o britânico Anthony Eden e o soviético Vyacheslav Molotov, e o chefe da diplomacia americana, James F. Byrnes.

Byrnes entendia que o único modo de alcançar a manutenção de paz e cooperação seria através da confiança e desenvolvimento de laços com a União Soviética. O mesmo também via a necessidade em utilizar a reserva de carvão na Bacia de Ruhr como principal ferramenta para a recuperação Alemã independente de envio de verbas dos demais países, pensamento o qual convergia com o interesse de Truman em não fazer uso das finanças do seu país na reconstrução da Europa.

Apesar das diversas reuniões e conversas informais entre os Aliados, ainda não foi dado início formal à Conferência de Potsdam, a qual encontra-se datada para 17 de julho de 1945, às cinco horas da tarde, no Palácio Cecilienhof. Serão as pautas principais da agenda inicial: a criação de instâncias para o pós-guerra, instauração do Conselho de Ministros das Relações Exteriores e do Conselho Aliado, a implantação de Ialta e a reabilitação da Itália.



Figura 8 - Palácio Cecilienhof, cidade de Potsdam, Alemanha⁹⁵

⁹⁵ POTSDAM - palácios, castelos e jardins reais. Disponível em: < <https://guiaberlim.com/visitas-potsdam.php>>. Acesso em: 26/03/2017.



PARTE ESPECIAL

CONFERÊNCIA DE POTSDAM



4. CENÁRIO MUNDIAL

Para fins didáticos, no presente tópico abordaremos, mais detalhadamente, o contexto interno – no que diz respeito à conjuntura governamental, política, econômica e social de cada uma das nações que tiveram participação relevante na Segunda Grande Guerra – e externo, incluindo sua política externa e seu papel na guerra. Tudo isso se dará sob a perspectiva de cada Estado, com vistas a contribuir para o debate, apresentando da forma mais fidedigna possível o posicionamento de cada.

Muito embora a Segunda Guerra Mundial tenha envolvido diversas outras nações, inclusive o Brasil, utilizando o critério de relevância para a realização da Conferência de Potsdam, trataremos tão somente dos blocos estadunidense, soviético, britânico, francês, japonês, italiano, alemão e chinês.

4.1. Bloco Estadunidense

Tratar do contexto interno estadunidense no período prévio e durante o início da Segunda Guerra Mundial implica, necessariamente, em remeter a algumas décadas anteriores ao conflito bélico, mais precisamente ao final da década de 1920.

Como é cediço, a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque - NYSE, em 1929, iniciou uma crise financeira em escala mundial. A depressão econômica levou a uma grande deflação e aumento do desemprego, fato não exclusivo aos Estados Unidos: a Alemanha já sofria com a hiperinflação, e diversos países da Europa, como a Grã-Bretanha e a França, ainda encaravam os efeitos das dívidas geradas pela Primeira Guerra Mundial.

Foi nesse contexto de recessão que, em 1932, Franklin Delano Roosevelt surge como candidato das eleições presidenciais, sob o lema do *New Deal*, uma proposta política de harmonização da economia através de uma maior regulação da economia nacional por parte do governo. Consistia o *New Deal* em diferentes atos e medidas cujos objetivos eram minimizar os efeitos da Grande Depressão e, conseqüentemente, reformar a economia americana. Dentre eles, podem-se destacar medidas para

reestabilizar o sistema bancário americano, reformas no mercado de ações, políticas de assistência socioeconômica mínima aos desempregados e induzir a recuperação industrial e agropecuária do país. Para tanto, Roosevelt teve que cortar diversos outros gastos no cenário estadunidense, como, por exemplo, dispêndios militares.

Ao final da década de 1930, portanto, o legado mais forte desse plano econômico foi fazer do governo federal um protetor de grupos de interesse, dentro de um contexto em que o comércio e a indústria americana se encontraram em competição não só com um movimento trabalhista cada vez mais poderoso, mas também com consumidores mais exigentes. Foi a era do “Estado corretor” estadunidense, que arbitrou diversas reivindicações de numerosos grupos. A política de Roosevelt criou o esqueleto de um sistema de ajuda socioeconômica nacional, através de diversos programas de assistência, principalmente o *Social Security System*.

Entretanto, muito embora os programas de trabalhos públicos e subsídios para a indústria tenham criado fôlego para a economia americana, não foi o suficiente para positivar o crescimento econômico. As taxas de desemprego continuavam altas, e a distribuição de poder dentro do sistema capitalista americano não foi substancialmente alterada – afinal de contas, os incentivos do governo Roosevelt dirigiram-se fortemente aos prévios detentores de capital.

Não foram poucas as tentativas de balancear o orçamento governamental e impulsionar a economia estadunidense ao final da década de 1930. Assim, insurge, em meados de 1937, um novo declínio da economia americana, agora gerada pela insurgência de monopólios comerciais, uma reação da indústria aos subsídios concentrados a uma pequena parcela dos industriais estadunidenses.

Foi nesse contexto, pois, que em 1939 foi deflagrada a Segunda Guerra Mundial na Europa. Diria-se, então, que foi a guerra, e não o *New Deal*, que pôs fim à crise. Com o auxílio e administração de John Maynard Keynes, repaginou-se a política do *New Deal* para incluir ideias que funcionariam em uma escala necessária para puxar a nação para fora da Grande Depressão. Foi a era dos gastos governamentais, até então reduzidos no governo de Roosevelt: entre 1939 e 1944 a produção industrial americana duplicou, em razão da expansão de construções militares, que empregou milhares de americanos até então desempregados e em situação de vulnerabilidade, bem como do

forte desenvolvimento da indústria bélica. A título de exemplo, o fornecimento de armamentos à Grã-Bretanha durante o conflito superou a cifra de 30 bilhões de dólares.

A despeito dessa participação indireta dos Estados Unidos no conflito, era tangente o sentimento isolacionista entre os norte-americanos. O apelo nacional, no momento, era pelo não-envolvimento na guerra, especialmente em um momento de franco distanciamento do período de forte recessão que foi a Grande Depressão. Tal posicionamento não é uma surpresa – o isolacionismo era a regra desde as negociações ao fim da Primeira Guerra Mundial, quando o presidente estadunidense Woodrow Wilson, em consonância com o Senado, optou por não ingressar na Sociedade das Nações, visando manter os atritos ainda existentes na Europa longe da América⁹⁶. Ademais, ainda eram palpáveis os danos causados pela Primeira Grande Guerra, razão pela qual o Congresso Americano promulgou uma série de *Neutrality Acts* (em tradução livre, Atos de Neutralidade), os quais visavam evitar que o país viesse a se envolver em conflitos bélicos.

No entanto, por mais forte que fosse a rejeição à participação direta na guerra, os americanos em geral não eram neutros no que diz respeito à simpatia a um dos lados. A tendência geral era o apoio aos Aliados – Reino Unido, França e União Soviética – mais do que aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), na medida em que se observou o desprezo alemão pelo Tratado de Versalhes, assinado ao fim da Primeira Guerra, bem como a ascensão de regimes ditatoriais nas nações do Eixo, algo veementemente contrário à defesa da democracia tão enaltecida nos Estados Unidos.

Sendo assim, havia um abismo entre reconhecer as potências do Eixo como uma ameaça à democracia e fazer algo a respeito⁹⁷, e isso não foi exclusividade do governo estadunidense, como se verá adiante, quando da análise dos demais blocos que vieram a participar da Segunda Guerra. Entretanto, notadamente nos Estados Unidos, a existência de um regime democrático liberal impossibilitou deveras a tomada de

⁹⁶ MORAES, Isaias Albertin de. **A Política Externa de Boa Vizinhança dos Estados Unidos para América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial**. 2008. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Relações Internacionais, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11110/1/2008_IsaiasAlbertinMoraes.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2017.

⁹⁷ HOBSBAWM, Eric J.. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 598 p. Tradução de Marcos Santarrita. P. 32.

medidas impopulares, tais como a declaração de guerra. Mesmo um presidente forte e popular como Franklin D. Roosevelt foi incapaz de executar, por muito tempo, sua política antifascista, por temor da oposição do eleitorado. Como leciona o historiador Eric Hobsbawm, "a política local impedia o presidente Roosevelt de dar mais que apoio burocrático ao lado que apoiava apaixonadamente" ⁹⁸.

Não foi à toa que a participação efetiva dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra só se deu quando extremamente inevitável: após o dia que ficaria conhecido como *dia da infâmia* – 7 de dezembro de 1941 – quando o Japão, em ataque aéreo e marítimo, bombardeou a base militar de Pearl Harbor, na ilha americana de Oahu. Este foi o momento em que a guerra, até então europeia, tornou-se de fato mundial.

Foi diante deste fato que, no dia seguinte, o Presidente Franklin D. Roosevelt publicamente apelou ao Congresso Americano que declarasse guerra contra o Império Japonês e, por consequência, aos países do Eixo, com as palavras que se seguem:

Ontem, dia 7 de dezembro de 1941, data que ficará marcada pela infâmia, os Estados Unidos da América foram atacados, repentina e deliberadamente, pelas forças navais e aéreas do império japonês. Os Estados Unidos mantinham uma relação de paz com aquela nação e, por solicitação do próprio governo japonês, estavam mantendo conversações com seus dirigentes e o com seu imperador, visando à manutenção da paz no [Oceano] Pacífico. Na realidade, uma hora após os esquadrões aéreos japoneses haverem iniciado o bombardeio da ilha americana de Oahu, o embaixador japonês nos Estados Unidos, juntamente com outro funcionário japonês graduado, entregaram ao nosso Secretário de Estado uma resposta formal a uma recente mensagem americana. O Japão, no entanto, [ao invés de manter a paz, conforme havia sido combinado entre os dois países] efetuou uma ofensiva surpresa na área do Pacífico. Os acontecimentos de ontem e de hoje falam por si mesmos. A população dos Estados Unidos já formou sua opinião e entende as implicações daqueles atos para a vida e a segurança da nossa nação. Com confiança nas nossas forças armadas e na determinação ilimitada do nosso povo, chegaremos ao inevitável triunfo. Que Deus nos ajude. Peço que o Congresso declare que, a partir do ataque covarde e deliberado do Japão, ocorrido no domingo, dia 7 de dezembro de 1941, seja declarado o estado de guerra entre os Estados Unidos e o império japonês. (trecho do discurso do Presidente Franklin D. Roosevelt, no dia seguinte ao ataque-surpresa japonês contra Pearl Harbor)⁹⁹

⁹⁸ *Idem.* P. 45-46.

⁹⁹ United States Holocaust Memorial Museum. Enciclopédia do Holocausto. **OS ESTADOS UNIDOS ENTRAM NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.** Disponível em <https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/media_fi.php?ModuleId=10005137&MediaId=151>. Acesso em: 06 mar. 2017.

No dia anterior, ao passo em que o bombardeio acontecia, diplomatas japoneses negociavam paz no Pacífico com o Secretário de Estado norte-americano, Cordell Hull, em Washington, D.C. Tal acontecimento levou à indignação da população norte-americana, pondo fim à escolha que o país havia feito de não se envolver na Guerra.

É importante, entretanto, entender qual foi o cenário internacional que levou ao bombardeio de Pearl Harbor. O decorrer da guerra no território europeu, com a crescente dominação territorial alemã, deixou um vácuo imperialista nos continentes africano e asiático, em virtude da concentração das forças dos países imperialistas – destacadamente França e Grã-Bretanha – no conflito bélico. Um desses vácuos, no Sudeste Asiático, foi dominado pelo império japonês, que tomou posse da Indochina, território anteriormente protetorado pela França.

Tal extensão de poder do Eixo no Sudeste Asiático chamou a atenção do governo estadunidense, principalmente devido à proximidade geográfica de seu domínio territorial. Iniciou-se, portanto, severa pressão econômica sobre o Japão por parte dos Estados Unidos, cujo comércio e abastecimento de combustíveis dependiam inteiramente das comunicações marítimas¹⁰⁰ exercidas no Pacífico.

Além disso, o objetivo de estabelecer um poderoso império econômico, a "Grande Esfera de Co-prosperidade Leste-Asiática", era a essência da política externa japonesa, a qual vinha sendo frustrada pelo governo estadunidense. A intenção primária deste último seria a imposição de limites ao imperialismo nipônico no Pacífico, em claro aprendizado com os erros das nações europeias que, reagindo passivamente aos avanços de Hitler e Mussolini, foram incapazes de frear o imperialismo alemão. Destarte, o embargo americano ao comércio japonês levou o Japão à reação desproporcionada de bombardear o território estadunidense, no afã de ver sua economia, inteiramente dependente de importações oceânicas, desmoronar ante o bloqueio de Roosevelt.

Importante ressaltar que, muito embora o sentimento isolacionista entre os americanos fosse contundente, este era direcionado apenas ao conflito europeu. Na verdade, a opinião pública americana encarava o Pacífico como um campo normal de

¹⁰⁰ HOBBSAWM, 1994, p. 47-48.

ação dos Estados Unidos¹⁰¹, o que, somado ao fato da agressão covarde à Pearl Harbor, torna compreensível a mudança de ideia do eleitorado estadunidense acerca da entrada no que viria a se tornar a Segunda Guerra Mundial.

Assim, embora a opinião do eleitorado fosse esta, era cada vez mais evidente que o posicionamento pela neutralidade favorecia a Alemanha – o que não passou despercebido ao governo de Franklin Roosevelt. Isso porque o exército alemão via-se suprido de todo um arsenal bélico, ao contrário das forças Aliadas que, ainda fragilizadas pela Primeira Grande Guerra, dependiam da indústria externa – mais precisamente, dos Estados Unidos – para manter provisões de guerra.

Foi por esta razão que, já em 1939, a repaginação do *New Deal* americano levada à cabo por Keynes já preparava os Estados Unidos para uma eventual participação na guerra ao lado dos Aliados. Resta evidente, portanto, que a política externa estadunidense já se mostrava alinhada aos ideais que viria a defender durante a Segunda Guerra Mundial.

Diante do exposto, é notório que a participação dos Estados Unidos deu-se por duas maneiras diferentes: fornecendo insumos para a manutenção do *front* de guerra em território europeu – sejam armas ou soldados – e levando a cabo sua própria disputa pela dominação do Pacífico, mais especificamente contra o Império Japonês.

Foram inúmeras as batalhas travadas nessa região, dentre as quais podemos citar a Batalha do Mar de Coral, o primeiro confronto dos Estados Unidos contra o exército japonês após o ataque a Pearl Harbor, e a Batalha de Midway, possivelmente o maior confronto naval da história, que causou a destruição dos porta-aviões japoneses e abriu caminho para maior controle estadunidense no Oceano Pacífico.

4.2. Bloco Soviético¹⁰²

Em 1917, ainda durante a Primeira Guerra Mundial, a Rússia assistiu ao que seria um dos momentos mais importantes de sua história: a Revolução Socialista.

¹⁰¹ HOBBSAWM, 1994. P. 48.

¹⁰² GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. 3.ed. São Paulo: Balsa Planeta Internacional Ltda., 2005. 18v.

Naquela ordem, os interesses evidentemente conflitantes entre a classe de trabalhadores e o imperialismo russo, iniciou uma guerra civil no país, colocando aquela nação em pleno alheamento ao cenário político internacional.

No seu plano interno, a revolução liderada pelo Partido Bolchevique entendia que o caminho mais viável para deter o cerco imperialista seria a intervenção direta na economia. Nesse sentido, o governo dos Comissários do Povo decide por reformar a política econômica nacional, tornando realidade, neste período, as práticas do comunismo de guerra. Entre essas práticas, estavam: o racionamento de alimentos e produtos industrializados, estatização de fábricas e apropriação de matérias primas e zonas agrícolas, trabalho obrigatório, congelamento de preços e salário, e a adoção de comércio por troca direta ou distribuição de tíquetes e talões como moeda.

Note-se, contudo, que não se tratava de um sistema comunista, mas um caminho de estabilização para o governo bolchevique, fortalecendo o país para uma futura construção do Comunismo.

As práticas não foram bem-sucedidas e a fome alastrou-se no país pela falência dos sistemas de produção e distribuição alimentar e de pagamentos, deixando o Estado diante de inúmeros conflitos internos. Em meio a Guerra Civil Russa, em Março de 1921, fez-se necessária uma nova política para reestabilizar o Estado, a qual ficou conhecida como Nova Economia Política (NEP). O programa caracterizava-se por reformas de cunho capitalista, retornando à iniciativa privada pequenos espaços agrícolas, industriais e comerciais (reconhecendo o direito à propriedade privada). De mesmo modo, a NEP estimulava investimentos estrangeiros, permitindo que algumas indústrias negociassem diretamente com o exterior.

Para viabilizar tais medidas, no segundo semestre de 1921 o Banco do Estado foi fundado, a emitir moeda e funcionar como instituição de crédito.

Em 1936, Josef Stálin começou a ganhar notoriedade enquanto secretário-geral do Comitê Central, e, com a morte dos estadistas Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin) e Viatcheslav Molotov, assume a chefia de Moscou como líder absoluto. O início de sua gestão foi marcado pela eliminação dos inimigos do Estado soviético através dos Processos de Moscou, conhecidos por terem como maioria de réus membros do Partido

Bolchevique, os quais confessaram ter conspirado contra a Revolução de Outubro¹⁰³. Alguns dos expulsos foram Leon Trótski¹⁰⁴, que terminou morto em 1940 no México; Rikov, ex-chefe de governo; o chefe da GPU¹⁰⁵, Genrikh Iagoda; dois ex-secretários do Comintern ou Komintern, Zinoviev e Nokilai Bukharin; e o marechal Mikhail Nikolaievitch Tukhatchevski.

Durante o mandato de Stálin, a NEP passou a ser considerada uma traição ao modelo econômico comunista, e o desenvolvimento econômico passa a nortear-se sob o modelo dos Planos Quinquenais. Esses planos tinham como objetivo prioritário a as produções industriais e agrícolas segmentadas em períodos de cinco anos, a fim de tornar a URSS autossuficiente. A preocupação com a sustentabilidade desse modelo chegou a ser tão grande, que o não cumprimento das metas de produção era considerado crime federal.

O primeiro plano quinquenal (1928-1932) teve como objetivo criar as bases da economia socialista. A agricultura foi coletivizada através da criação de cooperativas de camponeses e estações de maquinaria para apoio dos camponeses; na indústria, foram priorizadas a siderurgia e a eletrificação. Por sua vez, o segundo plano quinquenal (1933-1937)¹⁰⁶ continuou a desenvolver a indústria pesada, focando na produção de bens de consumo e no setor rural, permitindo assim a constituição de pequena propriedades agrícolas privadas. O terceiro plano, entretanto, (1940-1945) foi interrompido pela Grande Guerra Patriótica.

Do início da revolução soviética até a ascensão de Adolf Hitler ao poder, em 1933, a política externa da URSS foi caracterizada por se inclinar aos interesses alemães, visto que os germânicos mostravam-se com um poderoso aliado contra as forças capitalista da França e Grã-Bretanha.

¹⁰³ A Revolução de Outubro (24 a 25 de novembro de 1917) foi a segunda e última grande fase da Revolução Russa de 1917, na qual o Partido Bolchevique tomou o poder inaugurando o regime soviético.

¹⁰⁴ Leon Trótski foi um intelectual marxista e revolucionário bolchevique que desempenhou papel decisivo como comissário de guerra durante a tomada do poder comunista e, no exercício da função, construiu o Exército Vermelho, que prevaleceu contra o Exército Branco na guerra civil.

¹⁰⁵ Gosudarstvennoye politicheskoye upravlenie (GPU) ou Russian Soviet Federative Socialist Republic (RSFSR). Antiga agência de polícia política soviética, precursora da KGB.

¹⁰⁶ http://moelabs.org/b37/Historia_da_Economia-

Renato_Carneiro/I_Semestre/Aulas_em_Doc_PDF/Sistema_Economico_Planos_quinquenais.pdf

Assim, apesar da agressividade histórica dos alemães contra as ideias comunistas, a URSS adere a Liga das Nações e assina tratados de não-agressão com a Finlândia, a Polônia e os Estados bálticos. Contudo, por interesse próprio a União Soviética estabelecerá tratados com diversos países próximos afim de estabelecer novas fronteiras, e com outras nações emergentes da época, fornecendo suporte armamentista e firmando alianças influentes.

Em 18 de Março de 1921, sob o Governo Lênin é assinado na cidade de Riga tratado que estabelecia paz entre Polônia, Rússia e Ucrânia Soviética pondo fim a guerra polaco-soviética, o tratado ficou conhecido como a Paz de Riga¹⁰⁷ e manteve-se em vigor até a Invasão da Polônia¹⁰⁸ em 1939.

Itália, França e Reino Unido e Alemanha, em 29 de Setembro de 1938, assinam o Acordo de Munique¹⁰⁹, que determinava a região dos Sudetas (Sudetenland) e o resto da Checoslováquia ao controle efetivo dos alemães desde que esta fosse a última reivindicação territorial de Adolf Hitler. Contudo, em 10 de março de 1939, Hitler desrespeita o tratado, ordena a invasão do resto da Checoslováquia e as tropas alemãs ocupam Praga.

Tendo em vista a iminência da guerra, o diplomata e político soviético Viatcheslav Molotov firma em 23 de agosto de 1939 em Moscou o pacto de não-agressão entre URSS e Alemanha, que ficou conhecido como pacto Molotov-Ribbentrop. O objetivo imediato da inesperada aliança era fortalecer a posição estratégica da União Soviética e, para Alemanha, garantir neutralidade dos soviéticos caso invadissem outros países. No dia seguinte ao pacto Molotov-Ribbentrop, ambas nações realizam operação conjunta e atacam a Polônia visando repartir o território ao fim do combate.

¹⁰⁷ **Peace of Riga.** Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Peace_of_Riga#Background>. Acesso em: 15. maio 2017.

¹⁰⁸ United States Holocaust Memorial Museum. Enciclopédia do Holocausto. **Invasion Of Poland, Fall 1939.** Disponível em:<<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005070>>. Acesso em: 15. maio. 2017.

¹⁰⁹ **Acordos de Munique** in Artigos de apoio Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível em: <[https://www.infopedia.pt/\\$acordos-de-munique](https://www.infopedia.pt/$acordos-de-munique)>. Acesso em: 15. maio 2017.

Em 22 junho de 1941 Hitler desrespeita o Pacto Molotov-Ribbentrop, voltando-se contra os até então aliados, e invade a União Soviética com uma das maiores operações militares já vista (Diretiva 21 ou Operação *Barbarossa*¹¹⁰).

Mas, em janeiro de 1942, o Exército Vermelho conteve a invasão nazista e posteriormente, contando com ajuda de forças de resistência interna, libertou vários países do Leste Europeu das forças militares de Hitler. Os exércitos de Stálin anexaram cerca de 500.000 km²¹¹¹ de território exercendo controle político nas nações libertadas dos alemães no que seria a sua esfera de influência.

Com os soviéticos combatendo as forças invasoras da Alemanha Nazista ao lado dos Aliados ocidentais, os nazistas foram obrigados a recuar de suas posições até serem derrotados em seu próprio país em 1945. Com a invasão de Berlim pelos soviéticos o ditador nazista Adolf Hitler cometeu suicídio.

4.3. Bloco Britânico

Antes de adentrar a exposição propriamente dita acerca do bloco britânico, fazem-se necessários alguns apontamentos. O primeiro deles diz respeito à formação do bloco britânico, o qual compõem-se pelo Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte, assim instituído pelo Tratado Anglo-Irlandês de 1922. Junto a ele, lutaram as Forças Armadas do Canadá e da Austrália, ex-colônias britânicas que ainda reconheciam a soberania da realeza inglesa.

O segundo ponto relaciona-se à conjuntura enfrentada pela Grã-Bretanha diante do conflito bélico que se desenrolava no território europeu. É imperioso mencionar que no período entre guerras – isto é, o espaço temporal que sucedeu a I Guerra Mundial e precedeu à eclosão da II Guerra – França e Reino Unido, velhos aliados do confronto armado travado na primeira metade do século XX, estavam em situação bastante

¹¹⁰ United States Holocaust Memorial Museum. Enciclopédia do Holocausto. **Operação Barbarossa**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005164>>. Acesso em: 15. maio. 2017.

¹¹¹ Haslam, Jonathan. **Stalin and the German Invasion of Russian 1941: A Failure of Reasons of State?**. International Affairs. Vol. 76:1 (2000).

semelhante: ambos, embora vitoriosos, saíram do armistício de 1919 fortemente abalados na esfera econômica.

Além disso, sob essa análise limitada – qual seja, o que diz respeito à Segunda Grande Guerra – o contexto político, social e, como dito alhures, econômico de ambas as nações era bastante semelhante. Sendo assim, a apresentação de ambos os blocos britânico e francês serão realizadas, guardadas as devidas especificidades, na mesma esteira de raciocínio.

Passemos, então, à apresentação do bloco britânico.

Não havia muitos interesses para a Grã-Bretanha além de combater o fascismo – era a chamada “oposição por motivos de consciência”¹¹². Isto porque os britânicos, não obstante o enfraquecimento causado pelos danos na I Grande Guerra, ainda estavam muito comprometidos com a política imperialista¹¹³, a qual demandava uma estratégia marítima global. Por esta razão a Grã-Bretanha, ciente dos excessos financeiros cometidos durante o conflito, recuava diante dos custos do rearmamento necessário para garantir a sua entrada em um novo confronto bélico no continente europeu.

Outra razão para a letargia inicial das principais democracias europeias – França e Grã-Bretanha – foi também, segundo Hobsbawm¹¹⁴, o procedimento dos mecanismos políticos da democracia liberal, que tornava lenta a tomada de decisões, ainda mais diante da insurgência de um ideal pacifista irrestrito (ainda que não-religioso) popular na Grã-Bretanha na década de 1930. Para a população britânica, outra guerra como aquela devia ser evitada a qualquer custo, e, por isso, a opinião popular rechaçava ações

¹¹² HOBSBAWM, 1994. P. 153.

¹¹³ A política imperialista, popular nas nações europeias nos séculos XIX e XX, consistia numa busca por conquistas coloniais e a aspiração a formação de grandes impérios, através da escravização dos países e povos fora do continente europeu. Como resultado das anexações coloniais do período de 1876/1914, quase toda a África, grande parte da Ásia e a América Latina foram transformadas em colônias e semicolônias de uns poucos países imperialistas. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, dos 57 milhões de quilômetros quadrados de terras coloniais, 9,9 milhões cabiam a Itália, Holanda, Dinamarca, Bélgica, Portugal e Espanha. A Inglaterra contava com 47 milhões de habitantes, mas nas colônias inglesas habitavam mais de 480 milhões, ou seja, dez vezes mais; a França possuía 42 milhões de habitantes e as colônias francesas, 70 milhões; a Holanda com 9 milhões de habitantes e as colônias holandesas com 67,7 milhões; a Bélgica com 8 milhões e as colônias belgas com 14 milhões. (Dados extraídos do Manual de Ciências Políticas da URSS, disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/manual/index.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

¹¹⁴ HOBSBAWM, 1994. P. 153.

militares para tornar efetiva a resistência ao avanço alemão, tais como rearmamento e recrutamento.

Tal ideal pacifista perdeu força ante os avanços dos opositores no fim da década de 1930, momento qual a Alemanha já havia começado a atacar a Europa Ocidental. O Reino Unido encontrava-se “entre a cruz e a espada”: por um lado, a força do fascismo aterrorizava os que temiam a guerra; pelo outro, o fato de o próprio fascismo significar guerra era um motivo convincente para combatê-lo.

Diante dessa nova perspectiva, a esperança inicial de provocar o colapso do Nazismo germânico pela firmeza coletiva utilizando como base forças de oposição dentro da própria Alemanha (as quais teriam resistência política suficiente para sufocar o chamado Nacional Socialismo), tornava-se cada dia mais utópicas.

Muitos conservadores defendiam, sobretudo na Grã-Bretanha, que a melhor de todas as soluções seria uma guerra germano-soviética, a qual iria enfraquecer ambos os seus inimigos. Neste panorama, a relutância pura e simples dos governos ocidentais em negociar com a União Soviética estava indo longe demais, quando a urgência de uma aliança antifascista era patente¹¹⁵ – o que restou ainda mais claro quando a Alemanha avançou sobre a Europa Ocidental.

Diante desse quadro de insustentabilidade, o envolvimento do Reino Unido se tornou inevitável, culminando em 1939 na declaração de guerra à Alemanha Nazista, diante da invasão do território polonês pelo *Führer*. O bloco britânico passou, a partir deste momento, a lutar ao lado da França e da União Soviética.

Como é cediço, os anos iniciais do conflito foram marcados por uma ofensiva marcante da Alemanha Nazista, a qual ganhou tempo e territórios durante o longo período em que a Europa Ocidental optou pela inércia em face do expansionismo de Hitler. Até junho de 1941, a Inglaterra encontrava-se em verdadeira defensiva, diante da grande perda de homens, dos bombardeios que ceifaram incontáveis vidas de civis e da sua principal aliada na guerra, a França, estar dizimada após Paris ter sido tomada pelos nazistas em 1940.

¹¹⁵ HOBSBAWM, 1994. P. 152.

Foram momentos difíceis para a Grã-Bretanha. Winston Churchill, nomeado Primeiro-ministro em 1940, liderou o bloco britânico na empreitada antifascista e, diante do cerco nazista montado a partir da dominação do território francês, teve sucesso ao apelar para o patriotismo e para a luta de seus civis com discursos inflamados:

Hitler sabe que ou nos dobra nesta ilha ou perde a guerra. Se pudermos resistir, a Europa poderá ser livre e o destino do mundo voltar-se para um futuro mais promissor iluminado ao sol. Mas, se falharmos, o mundo inteiro (...) mergulhará no abismo de uma nova Idade das Trevas.¹¹⁶

Durante o conflito, a Grã-Bretanha destacou-se por seus combates aéreos, onde a *Royal Air Force* desafiou a poderosa *Luftwaffe* alemã, a qual bombardeou exaustivamente a Inglaterra – vez que o ataque por terra era inviável, dada a condição geográfica do Reino Unido. Este episódio ficou marcado na história britânica como a Batalha da Grã-Bretanha, que consistiu justamente no embate de ataques aéreos entre as duas nações.

Muito embora os britânicos tivessem um número de caças significativamente inferior em relação aos alemães, eles possuíam uma importante vantagem: um eficiente sistema de radar, que dificultava o elemento surpresa das *blitzkrieg* alemãs. Além disso, as aeronaves britânicas apresentavam qualidade superior às demais, sendo fabricadas à base de uma campanha maciça para que a população entregasse todo o alumínio possível para sua confecção.

A batalha aérea durou cerca de três meses e meio e estima-se que, em média, 40 mil civis morreram durante esse período. Dada a resistência britânica, a Alemanha adiou os planos de dominação da ilha, focando recursos na batalha que viria a ser sua rendição, no Leste Europeu.

A essa altura, o prestígio de Churchill enquanto representante da nação estava consolidado, aumentando com a virada na guerra. Foi ele o principal mediador entre os Aliados, quem procurou convencer o presidente Roosevelt da magnitude do conflito e, contendo seu empedernido anticomunismo, contatou Stálin. Graças a sua desenvoltura

¹¹⁶ *Apud* ALMEIDA, Leandro Antonio de. Churchill, o militar e o mito. **Carta Capital**. S. L. fev. 2011. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/churchill-o-militar-e-o-mito>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

política nesse cenário internacional é que foram possíveis os arranjos formalizados na Conferência de Teerã, em 1943, os quais consagraram a coalizão entre URSS, Estados Unidos e Grã-Bretanha contra a Alemanha.¹¹⁷

4.4. Bloco Francês¹¹⁸

Como apontado no início da exposição anterior, a conjuntura interna da França em muito se assemelhava ao panorama encontrado no Reino Unido durante o período entre guerras. O receio em envolver-se em um conflito que gerasse tamanha perda como a I Grande Guerra levou a nação francesa a evitar, até o último momento, a entrada em um novo conflito.

À época desses acontecimentos históricos, a França era liderada por Édouard Daladier, membro do Partido Radical e experiente político francês. Na sua carreira política alcançou o cargo de Primeiro-ministro várias vezes. Iniciando seu último mandato em 10 de abril de 1938 e o concluído em 21 de março de 1940 – auge da expansão nazista durante o conflito da II Guerra Mundial. Daladier foi responsável pela participação francesa no Acordo de Munique, assinado em 29 de setembro de 1938 junto com Adolf Hitler, Benito Mussolini e o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain.

Entre 1930 e 1939, sob o seu comando, a França fortificou uma linha de defesa – a qual ficaria conhecida como Linha Margiot – com obstáculos, trincheiras equipadas com artilharia pesada, postos de observação e vias subterrâneas entre suas fronteiras com a Alemanha e a Itália. Tal estratégia buscava resistir a possíveis ataques internacionais por tempo suficiente para organizar uma mobilização militar e proteger a Alsácia e Lorena e suas indústrias, relevantes fontes econômicas do Estado francês.

No entanto, a construção da linha foi interrompida a 20km a leste de Sedan, em Montmédy, fazendo face à fronteira alemã, ao Grão-Ducado de Luxemburgo e a uma parte da fronteira franco-belga. Isso deixou o Rio Meuse (nas Ardenas), próximo ao

¹¹⁷ ALMEIDA, 2011.

¹¹⁸ Sheffield, Gary. History. **The Fall of France**. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/history/worldwars/wwtwo/fall_france_01.shtml>. Acesso em: 15 maio 2017.

Sedan suscetível à invasão nazista, o que de fato aconteceu, em 13 de Maio de 1940, por cerca de um milhão de homens e mil e quinhentos tanques.

Com o fim do mandato de Édouard Daladier, assume Paul Reynaud, ligado à direita moderada. Enquanto Primeiro-ministro em uma situação caótica de guerra, Reynaud acumulou as funções de ministro das Relações Exteriores e Ministro de Guerra, onde defendeu a guerra móvel blindada, em detrimento da guerra de trincheiras.

Com as desavenças, Paul Reynaud renunciou ao cargo, sendo substituído pelo Marechal Philippe Pétain, o qual, com a invasão ao Rio Meuse, é o encarregado de assinar o armistício entre França e Alemanha. No dia 22 junho de 1940 ele assina, na cidade francesa de Compiègne a rendição para o Eixo o general francês Ferdinand Foch ditou as condições da rendição alemã na Primeira Grande Guerra – clara manifestação do revanchismo alemão sobre a França.

O armistício de Compiègne dividiu a França entre a zona ocupada, de controle nazista, e a zona livre sob a autoridade da França de Vichy (1940-1944). Foi um governo aparentemente francês, tendo como chefe de Estado o próprio Philippe Pétain, contudo controlado internamente pela Alemanha – após este jurar lealdade a Hitler. Todos os judeus foram entregues à Alemanha, os imigrantes foram proibidos de deixar o país, o exército reduzido, e os franceses passaram a pagar custos de ocupação às tropas alemãs. Lema nacional, até então o consagrado *Liberté, Egalité, Fraternité* herdado da Revolução Francesa de 1789, foi substituído por *Travail, Famille, Patrie* – Trabalho, Família e Pátria.

Impende mencionar, a esta altura, personagem importante no cenário bélico francês. Charles de Gaulle, antigo Secretário-Geral do Estado no governo de Reynaud e herói nacional na primeira guerra, liderou as Forças Francesas Livres de resistência. Dado ao seu posicionamento antiamericano (enveredando pelos setores de esquerda da Resistência) exilou-se em Londres, onde conclamava aos franceses a passarem para o lado inglês na guerra e formou o Comitê Nacional Francês, que evoluiu para um governo provisório da França libertada.

Mesmo distante, o nacionalismo abrandado por de Gaulle inspirava muitos membros da resistência francesa, que sonhavam com uma virada na guerra e a retomada de seu território pelas forças aliadas.

Em 06 de Junho de 1944, por fim, homens dos exércitos dos Estados Unidos da América, Grã-Bretanha e Canadá desembarcaram nas areias da Normandia (costa do Canal da Mancha, França) dando início à libertação de Paris e extinção do regime Vichy. A ação teve fim em 22 de agosto de 1944, dando início ao governo da Quarta República Francesa ainda sob a liderança de Charles de Gaulle.

4.5. Bloco Italiano

As razões que levaram a Itália até a guerra estão alicerçadas nos próprios termos finais do Tratado de Versalhes, acertado em 1918, como resultado do primeiro grande conflito. Os italianos acreditavam não terem recebido as terras que lhes eram devidas, embora tenham lutado ao lado dos países vencedores ao fim da primeira guerra¹¹⁹. Esse fato é enxergado com bastante ultraje pela Itália, que sempre se sentiu preterida pelas demais nações.

Esse esquecimento foi um doloroso golpe não só ao ideal de supremacia italiana, mas principalmente àqueles que se identificavam com as ideias nacionalistas mais fervorosas. Foi o caso de Benito Mussolini. Sua participação na guerra como soldado, enquanto franco-atirador¹²⁰, elevou o seu senso nacionalista e seu amor pela pátria, ideias fortemente difundidas posteriormente, quando se tornou locutor de uma rádio italiana¹²¹. Em seu novo emprego, Mussolini conseguiu o espaço que sempre quis para disseminar ao povo italiano os seus pensamentos nacionalistas mais profundos e suas insatisfações com o governo.

O discurso apaixonado desse líder e locutor rapidamente conquistou uma série de seguidores e simpatizantes dos ideais nacionalistas, fundando o movimento fascista

¹¹⁹ ALTMAN, Max. **Hoje na História**: 1919 - Começa a discussão das exigências da Itália na Conferência de Versalhes. 2011. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/11337/hoje-na-historia+1919++comeca+a+discussao+das+exigencias+da+italia+na+conferencia+de+versalhes.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

¹²⁰ **GUERRAS Mundiais**. Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais-mussolini-o-golpista>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

¹²¹ Idem.

em 23 de março de 1919¹²². O que até então eram discursos fervorosos, ganhou status e força de luta política, movimentando uma verdadeira oposição ao governo italiano não demorando a alcançar resultados positivos.

Em 28 de outubro de 1922, o grupo fascista promoveu a chamada "Marcha sobre Roma", grande manifestação que reuniu 50 mil seguidores¹²³. Essa forte pressão, levou o Primeiro-ministro italiano a renunciar¹²⁴, deixando, assim, ao Rei Vitor Emanuel III, a tarefa de encontrar um novo líder para a nação.

Naquele contexto político, apenas uma pessoa se mostrava como sucessora natural para o cargo: Benito Mussolini. Rapidamente, esse novo Chefe de Estado italiano implantou seu senso fanático de nacionalismo – futuramente admirado e copiado por Adolf Hitler. “Mussolini cuidadosamente cultivava uma imagem de machismo romano, e seu apaixonado público é seduzido por suas promessas de restaurar a grandeza do Império Romano”, conforme bem pontuado no documentário “Guerras Mundiais¹²⁵”.

Sua intenção primária seria lançar o que chamava de império italiano, dominação que se estendia do estreito de Gibraltar até o Estreito de Ormuz¹²⁶. Esses planos também tinham a intenção de desafiar a supremacia britânica e francesa no mar mediterrâneo, pois era a via de acesso da Itália ao Oceano Atlântico.

¹²² FERNANDES, Cláudio. **Fascismo**. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/fascismo.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹²³ HISTORY. **HOJE NA HISTÓRIA: "Marcha sobre Roma" de Mussolini marca o início do fascismo na Itália**. Disponível em: <<http://seuhistory.com/hoje-na-historia/marcha-sobre-roma-de-mussolini-marca-o-inicio-do-fascismo-na-italia>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

¹²⁴ Idem.

¹²⁵ **GUERRAS Mundiais**. Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais-mussolini-o-golpista>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

¹²⁶ **A ITÁLIA Na Segunda Guerra Mundial**. Vídeo Publicado pela página Hoje na Segunda Guerra Mundial. 1'54". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H2AKtMWBt08>>. Acesso em: 26 de mar. de 2017.

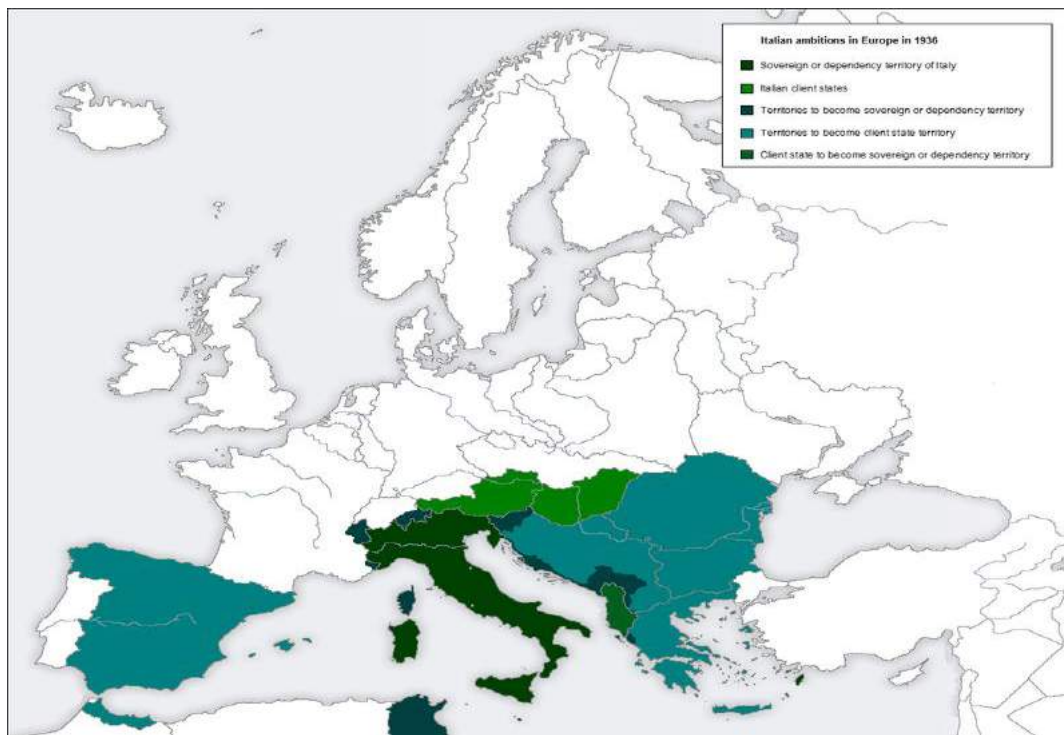


Figura 9 - *Ambições Imperialistas da Itália Fascista no território europeu, 1938*¹²⁷.

As promessas do líder fascista logo ganharam apoio e validação do seu povo, em especial após o ano de 1929, marcado pela grande depressão e queda da economia a nível global¹²⁸. O desemprego atingiu a Europa de forma tão drástica, que estavam abertas as portas para que movimentos radicais ganhassem o mais completo apoio.

Fixado o seu poderio militar, Mussolini foi o primeiro líder a desafiar a instaurada paz mundial, promovendo a invasão da Etiópia em outubro de 1935¹²⁹ – buscando para a Itália o melhor caminho para o Oriente Médio. A guerra foi completamente desproporcional. Enquanto os etíopes se defendiam com lanças, a força

¹²⁷ BALKAN WAR HISTORY. **The Greco-Italian War 1940- 1941**. Disponível em: <<http://www.balkanwarhistory.com/2016/05/the-greco-italian-war-1940-1941.html>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

¹²⁸ HISTORIANET. **A Grande depressão de 1929**. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=31>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹²⁹ BRITANNICA, The Editors Of Encyclopædia. **Italo-Ethiopian War: 1935-1936**. Disponível em: <<https://global.britannica.com/event/Italo-Ethiopian-War-1935-1936>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

imperialista italiana contra-atacava com aviões, tanques de guerra e gases venenosos¹³⁰. A vitória ocorreu em pouquíssimos meses, apesar das críticas lançadas pela Liga das Nações, que foram completamente ignoradas por Mussolini. Naquele momento, a tomada da Etiópia era de salutar importância ao povo italiano, não só como resposta aos seus anseios imperialistas, mas também como compensação ao nem tão bem-sucedido plano econômico levantado por Mussolini.

Partindo das mesmas premissas, em abril de 1939, a Itália logo conquistaria a pequena Albânia, em uma campanha relâmpago de apenas quatro dias¹³¹. O país tinha uma importância estratégica enorme aos interesses italianos, visto que a região serviria de porta de entrada para a conquista dos Bálcãs.

Diante de suas conquistas e de seus pensamentos nacionalistas, Mussolini tinha a admiração de Adolf Hitler, agora já *Führer* da Alemanha. A inércia dos Aliados em parar as conquistas do fascismo italiano, serviu de mensagem muito clara para a Alemanha: as grandes potências ocidentais não estavam dispostas a enfrentar uma nova guerra, optando por meios pacíficos e diplomáticos para o equilíbrio geopolítico da região. Tal quadro deu vitalidade e força a Hitler e Mussolini, que se sentiam invencíveis perante as demais nações.

Os dois líderes começaram, então, a estreitar suas relações, trocando cartas e discutindo questões políticas¹³². A aproximação firmada era especialmente importante porque a Alemanha Nazista precisaria do apoio da Itália no seu projeto imperialista. Nesse sentido, a paridade ideológica entre os dois tornou possível o afeto e a aliança entre os dois países, que serviria de fundamento para a formação do Eixo, em 22 de maio de 1939, com a assinatura do Pacto do Aço¹³³.

¹³⁰ HART, Lina Grip And John. **The use of chemical weapons in the 1935–36 Italo-Ethiopian War**. Disponível em: <<https://chilot.files.wordpress.com/2011/01/the-use-of-chemical-weapons-in-the-1935-36-italo-ethiopian-war.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

¹³¹ FISCHER, Bernd J. **Albania at War: 1939-1945**. West Lafayette: Purdue University Press, 1999.

¹³² **GUERRAS Mundiais**. Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

¹³³ HISTORY. **The Pact of Steel is signed; the Axis is formed**. Disponível em: <<http://www.history.com/this-day-in-history/the-pact-of-steel-is-signed-the-axis-is-formed>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

A ideia por trás dessa aliança era acabar com a supremacia da França e da Grã-Bretanha na região, sendo a Itália responsável pelas operações no Mediterrâneo e na África do Norte, ao passo que a Alemanha se responsabilizaria com as operações na Europa Continental¹³⁴.

O plano comportava perfeitamente os interesses do sonhado Império Italiano, mas encontrava um óbice: o seu pouco desenvolvido parque industrial. Isso se refletia, também, no pouco mecanizado e armado exército italiano.

Para se ter uma ideia, no campo militar, o país ainda estava muito aquém das demais potências, com boa parte de sua artilharia baseada ainda em modelos da Primeira Guerra Mundial. A força aérea se restringia a apenas novecentos aviões. Seus blindados estavam ainda mais atrasados, com uma produção de apenas 3.500 unidades durante a guerra¹³⁵.

De acordo com o subsecretário de produção de guerra da Itália, Carlo Favagrossa, o país só teria condições de entrar na guerra em 1942, quando estaria preparado para as ofensivas beligerantes¹³⁶. Contudo, diante do sucesso da Alemanha na Polônia e na França, Mussolini ignora as recomendações de seu subsecretário de Estado e decide declarar guerra à França e à Grã-Bretanha, em 1940¹³⁷.

Já no final da batalha da França, em junho de 1939, os italianos decidiram unir forças com os alemães, atacando a partir dos Alpes. Essa campanha, porém, não teve o sucesso esperado, pois os italianos só conseguiram adentrar poucos quilômetros no interior francês, conseguindo apenas um acordo lucrativo quando a Alemanha interveio com sérias ameaças aos franceses.

O próximo passo, portanto, seria aumentar a influência da Itália no mediterrâneo e atacar a África do Norte. O ataque de Mussolini contra o Egito, em setembro de 1940,

¹³⁴ WEINBERG, Gerhard L. **Germany, Hitler and World War II**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 79.

¹³⁵ SADKOVICH, James. J. **Of Myths and Men: Rommel and the Italians in North Africa**. The International History Review, 1991. p.284-313.

¹³⁶ WALKER, Ian W. **Iron Hulls, Iron Hearts: Mussolini's Elite Armoured Divisions in North Africa**. Ramsbury: The Crowood Press, 2003. p. 19.

¹³⁷ WAR DEPARTMENT OF THE UNITED STATES OF AMERICA. **Benito Mussolini Reading Italy's Declaration Of War, 06/10/1940**. Disponível em: <<https://archive.org/details/MussoliniDeclarationOfWar>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

porém, foi bastante frustrado¹³⁸. A defensiva britânica na região, apesar de estar em menor contingente, possuía maior e melhor armamento, levando a Itália a um fio da completa derrota. Os napolitanos não só foram expulsos do Egito, mas também quase perderam o domínio sobre a Líbia. A completa expulsão só não ocorreu em razão da ajuda militar da Força Expedicionária Alemã na África, chamada de África Korps¹³⁹.

Em paralelo, no mês de outubro de 1940, os italianos queriam fazer bom uso de seu domínio na Albânia, resolvendo, assim, iniciar sua expansão pelos Bálcãs. A primeira estratégia para dominar a região seria entrar na Grécia por meio de um ataque relâmpago, dominando parte do território grego em pouquíssimo tempo¹⁴⁰. Para a frustração dos italianos, porém, apesar de ter um exército fraco e mal articulado, a Grécia recebia a ajuda das tropas aliadas, que impediriam o avanço do Eixo na região dos Bálcãs. Em pouquíssimo tempo, portanto, Mussolini não só viu suas tropas sendo derrotadas na Grécia, como viu suas forças sendo expulsas de parte do território da Albânia – perdendo parte do território antes conquistado¹⁴¹.

Como não poderia ser diferente, os alemães viriam em ajuda aos italianos, visto que o controle dos Bálcãs era de extrema importância aos planos dessas nações autodeclaradas imperialistas. Em apenas três semanas, as forças nazistas tomaram conta da Grécia, em uma invasão iniciada pela Iugoslávia e Bulgária¹⁴². Essa operação, que era inesperada por Hitler, acabou atrasando em quase um mês a invasão na União Soviética pela Alemanha – fato mais do que relevante para o desfecho da guerra, visto que os alemães tinham que conquistar Moscou em ainda menos tempo, dada a aproximação do inverno russo¹⁴³.

¹³⁸ BBC. **Fact File:** Italy Invades Egypt. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/history/ww2peopleswar/timeline/factfiles/nonflash/a1126469.shtml>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

¹³⁹ BAUER, Eddy. YOUNG, Peter. **The History of World War II (rev. ed.)**. London: Orbis, 2000.p. 65.

¹⁴⁰ Ibidem, p. 99.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **AXIS INVASION OF YUGOSLAVIA**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005456>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

¹⁴³ RUY, José Carlos. **Stalingrado, onde começou a derrota de Hitler e dos nazistas**. 2013. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/205208-9>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

Após a entrada dos Estados Unidos na guerra e a recomposição dos Aliados, estes entenderam ser hora de atacar frontalmente o Eixo. O caminho mais viável se mostrou o Mediterrâneo, onde os Aliados escolheram a Sicília como porta de entrada de seus exércitos¹⁴⁴. Em apenas 72 horas, todo o território é tomado, permitindo que, em 03 de setembro de 1943, tais exércitos entrassem no território continental da Itália, forçando a retirada de milhares de soldados das forças do Eixo¹⁴⁵.

Ao passo que os Aliados tomavam novos territórios na Itália, Mussolini via o seu amado império desmoronar. De acordo com o documentário produzido pelo *History*, “Guerras Mundiais”,

Antes de perder o poder, Mussolini é chamado para um encontro com seu mais próximo aliado. Mussolini poderia até ter chegado primeiro ao poder, mas agora os papéis teriam se invertido. Houve vários momentos de inversão no relacionamento entre Hitler e Mussolini. Primeiramente, Hitler vê Mussolini como o homem que dá o exemplo. O passo seguinte é o fim da guerra¹⁴⁶.

Essa concepção criada por Hitler em relação a Mussolini cria uma verdadeira rachadura na aliança entre os dois países. A Itália, que se vê como grande potência imperialista, agora é enxergada por Hitler como de segunda classe, o ponto fraco do Eixo, tendo mais uma vez seus interesses preteridos frente às demais potências europeias.

Mussolini, então, é enviado para Roma em uma tentativa de resistir à invasão dos aliados e manter a linha, mas, em apenas dois meses, toda a Itália é dominada – marcando a queda do império fascista. Em sua substituição, assume como Primeiro-Ministro Pietro Badoglio, General do Exército de Mussolini¹⁴⁷. Ao assumir a liderança da Itália, ficou famoso pela frase que proferiu: “a guerra deve continuar”. Todavia, os acontecimentos posteriores mostraram que a real pretensão de Badoglio seria de ganhar

¹⁴⁴ **GUERRAS Mundiais**. Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Pietro Badoglio**: ITALIAN GENERAL AND STATESMAN. 2011. Disponível em: <<https://global.britannica.com/biography/Pietro-Badoglio>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

um pouco mais de tempo e apaziguar os ânimos dos nacionalistas. Isso porque, de forma discreta, já realizava as tratativas de armistício com os aliados, que se concretizou em 08 de setembro de 1943¹⁴⁸.

Enquanto a Itália se reorganizava para a paz, Mussolini buscava sua sobrevivência, decidindo, então, se esconder no norte de país¹⁴⁹. Seu plano maior seria fugir para a Espanha, onde conseguiria o apoio da ditadura de Franco, a quem sempre deu suporte¹⁵⁰. Sua fuga, porém, foi completamente frustrada, visto que membros da resistência italiana acabaram capturando e executando-o¹⁵¹. Logo em seguida, seu corpo foi enviado para Roma e execrado em praça pública¹⁵². Os italianos dedicaram a Mussolini todas as misérias vividas por eles nos últimos anos – em especial os bombardeios – e agora precisavam pavimentar o seu caminho para a paz.

O governo interino de Pietro Badoglio logo deu lugar a Ivanoe Bonomi, que seria sucedido por Ferruccio Parri, militante antifascista. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, Parri fazia parte da resistência italiana, movendo forças contra os nazistas e a República Social da Itália, criada por Mussolini¹⁵³. Sua postura contrária ao fascismo foi vista com bons olhos pelos aliados, que apoiaram sua posição de Primeiro-Ministro, alcançada em 21 de junho de 1945¹⁵⁴.

Chegado ao fim aparente da guerra, em 17 de julho de 1945, Ferruccio Parri é convidado para a Conferência de Potsdam e terá a difícil missão de defender os interesses italianos frente às grandes potências mundiais.

¹⁴⁸ AGAROSSO, Elena. **A Nation Collapses: The Italian Surrender of September 1943**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000. p. 50.

¹⁴⁹ **GUERRAS Mundiais**. Direção: John Ealer. Estados Unidos: History Chanel, 2014. Disponível em: <<http://seuhistory.com/videos/guerras-mundiais>>. Acesso em: 10 de mar. 2017.

¹⁵⁰ **A ITÁLIA Na Segunda Guerra Mundial**. Vídeo Publicado pela página Hoje na Segunda Guerra Mundial. 15'00". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H2AKtMWBt08>>. Acesso em: 26 de mar. de 2017.

¹⁵¹ Ibidem, 16'50".

¹⁵² **GUERRAS Mundiais**. Op. Cit.

¹⁵³ NAPOLETANO, Roberto. **Ferruccio Parri, De Gasperi e il male sottile dell'Italia**. Disponível em: <<http://www.ilsole24ore.com/art/cultura/2015-12-13/ferruccio-parri-de-gasperi-e-male-sottile-italia-141209.shtml?uid=ACAbyYsB>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

¹⁵⁴ Idem.

4.6. Bloco Japonês

Esmiuçar a participação do Império nipônico na Segunda Guerra Mundial exige menção à forma de governo japonesa e suas implicações. É imperioso, por consequência, retroceder até a Era Meiji, período de grande modernização no modelo governamental nipônico.

Historicamente, é sabido que o Japão esteve isolado do Ocidente até a chegada das primeiras embarcações mercantilistas portuguesas, em 1542¹⁵⁵. Este contato não foi positivo – as discrepâncias culturais levaram, na primeira metade do século XVII, ao fechamento dos portos e grande combate às tendências ocidentais, especialmente cristãs, no Império japonês.

Foi apenas a partir de 1850 que as nações ocidentais passaram a pressionar o Japão por uma abertura política e econômica. Em 1854, sob o comando do almirante Perry, uma esquadra norte-americana impôs a reabertura dos portos japoneses ao mercado mundial, por meio de sérias ameaças militares.

Vendo-se obrigados a assinar tratados comerciais com diferentes países, surgiu a necessidade, para os japoneses, de reagir a esse processo de dominação. Foi, portanto, na Era Meiji, que se desenhou o processo de modernização conhecido como Revolução Meiji, durante o governo do Imperador de mesmo nome, no início do século XX, a qual empreendeu uma série de reformas que deram uma nova feição política ao Japão.

Por meio dele, substituiu-se, pouco a pouco, o poder político dos donos de terra, instalando-se uma espécie de Poder Legislativo formado por um Parlamento bicameral; voltaram-se às atividades econômicas para o desenvolvimento agrícola e formação de uma indústria de base; criou-se um novo sistema de cobrança tributária, permitindo maior arrecadação de impostos, que permitiu a realização de investimentos em diversos campos, inclusive as forças armadas nipônicas.

Dessa forma, em pouco tempo, o Japão avançou a passos largos na industrialização. Enquanto a Grande Depressão assolava os Estados Unidos, o império

¹⁵⁵ ROSA, Maria. **Entenda por que a Revolução Meiji transformou a indústria do Japão**. 2015. Artigo publicado no portal Mundo-Nipo. Disponível em: <<http://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/historia-do-japao/08/05/2015/revolucao-industrial-japonesa-revolucao-meiji/>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

nipônico alcançou no final da década de 1930 quase duas vezes o nível de produção pré- crise. Contudo, em tamanho absoluto, a economia ainda era bastante modesta – marcando cerca de 2,5% da produção mundial no fim da década de 1920¹⁵⁶.

Assim, conscientes da vulnerabilidade de um país ao qual faltavam praticamente todos os recursos naturais necessários para uma economia moderna, cujas importações estavam de certo modo à mercê de interferências marinhas estrangeiras, a ideia de dominação sobre o Extremo Oriente pareceu bastante convidativa ao Japão. Além da questão dos recursos, a expansão do império ao espaço territorial chinês torna-lo-ia menos vulnerável à dominação estrangeira, como a estadunidense, que disputava com o Japão a hegemonia do Oceano Pacífico. Foi nesse contexto que o Império nipônico passou a empreender uma política imperialista, realizando a dominação de territórios na China, na Coreia e na Ilha de Formosa, sob o comando do Imperador Hirohito, coroado em 1926.

Além da manutenção do processo de industrialização, o projeto político de Hirohito foi bastante caracterizado pela ascensão do poder militar¹⁵⁷, permitindo que militares ocupassem cargos de relevância na política japonesa, revelando uma forte tendência bélica. Ainda, diante do contexto imperialista, tomou força o plano de criação da "Grande Esfera de Co-prosperidade Leste-Asiática", o qual se tornou a essência da política externa do Imperador Hirohito. Despertou-se, de tal modo, a necessidade de dinamização da sua resistência ao avanço estadunidense no Pacífico, dada a fragilidade do contexto econômico global oriunda das baixas causadas pela Grande Depressão.

Neste momento, cabe abrir parênteses para pequena digressão acerca da influência da Crise de 1929 sobre a expansão do fascismo. Sem a Quebra da Bolsa de Nova Iorque, dificilmente o fascismo teria apresentado significância na história mundial. Na verdade, segundo Hobsbawm¹⁵⁸, não fosse o fato de que o movimento fascista subiu ao poder na Alemanha - um Estado estratégico por seu tamanho, potencial econômico e militar e posição geográfica - tal fenômeno não teria sido nada além de

¹⁵⁶ HOBSBAWM, 1994. P. 130.

¹⁵⁷ HISTORY. Biografias. **Imperador Hirohito**. Disponível em: <<https://seuhistory.com/biografias/imperador-hirohito>>. Acesso em: 09 mar 2017.

¹⁵⁸ HOBSBAWM, 1994. P. 133

uma insurgência periférica em um contexto de surgimento de diversos movimentos europeus de contrarrevolução da direita radical.

Na realidade, foi a política de agressivo expansionismo militarista dos Estados fascistas – Alemanha e Itália – na década de 1930 que atraiu e influenciou outras Nações e movimentos a apoiar tais governos. Desta maneira, certas características do fascismo europeu encontraram ecos no além-mar, como foi o caso do Império Japonês, o qual apresentava afinidades consideráveis com a ideologia das potências fascistas. Senão vejamos:

Os princípios japoneses de superioridade racial e necessidade de pureza em sua sociedade, bem como sua crença nas virtudes militares do auto-sacrifício, obediência absoluta a ordens, abnegação e estoicismo¹⁵⁹, como aponta Hobsbawm, tornava bastante provável que todo samurai teria endossado o lema do exército de Hitler, *Meine Ehre ist Treue* (em tradução livre, “honra significa subordinação cega”). A sociedade nipônica era marcada por uma rígida hierarquia, total dedicação à nação e seu divino imperador e absoluta rejeição de ideais como os iluministas, de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Obviamente, o fascismo europeu não podia ser reduzido a um feudalismo oriental com uma missão imperial nacional, uma vez que o próprio conceito de “movimento” de mobilização de massa com fins revolucionários não fazia sentido algum no Império de Hirohito. Em suma, o Japão não era regido por um governo fascista, especialmente porque não precisavam disso.

Resta evidente, diante de todo o contexto exposto, que para o Japão a guerra já tomava contornos bem antes do conflito europeu tomar formas bélicas, com a ocupação da Manchúria pelo Japão, em 1931 e, seis anos depois, em 1937, do norte da China.

Segundo Eric Hobsbawm¹⁶⁰, a força militar e naval bastante considerável do Japão tornava-o, à época, a mais formidável potência no Extremo Oriente. Não é à toa que o império japonês foi reconhecido internacionalmente pelo Acordo Naval de Washington de 1922, o qual veio pôr um ponto final na supremacia naval britânica, que passa a competir com as frotas estadunidense e nipônica. Não é à toa, ainda, que o

¹⁵⁹ HOBSBAWM, 1994. P. 134

¹⁶⁰ HOBSBAWM, 1994. P. 135

Imperador Hirohito, em 1939, viu vantagens em ingressar no que seria o conflito bélico mais marcante de todos os tempos.

Pode-se afirmar que razão preponderante para tal ingresso seria, justamente, a busca japonesa por uma dominação territorial que lhe proporcionasse estabilidade econômica e política no contexto internacional. Constatadas as medidas militares expansionistas por parte do Império Japonês no período exatamente anterior à deflagração da guerra, dentro do contexto da corrida para a dominação no Sudeste Asiático, as relações entre Estados Unidos e Japão estavam sendo pautadas por uma animosidade, alimentada pela tentativa japonesa de dominar a China pela força. Já em 1937, começava a Guerra Sino-Japonesa, provocando séria desavença, uma vez que a nação estadunidense possuía grande interesse no mercado chinês. Assim, foi declarado pelos EUA um embargo de exportação de diversos produtos ao Império Japonês, incluindo petróleo.

Sem sua principal fonte de combustível, o Japão tinha duas alternativas: aceitar um acordo humilhante consentindo com a inviolabilidade da China, ou procurar o recurso embargado em outro lugar, opção essa frustrada, vez que o Império nipônico não conseguiu firmar um pacto com as Índias Ocidentais Holandesas para o fornecimento de petróleo.

Diante do exposto, no final de 1941 era clara a inevitabilidade da guerra, e, foi neste contexto que ocorreu o bombardeio à base naval de Pearl Harbor. Atingida a frota americana, o objetivo japonês era prosseguir, desimpedido, em seu programa de conquista no Pacífico.

Dado o exposto, verifica-se que não era interessante para o Império Japonês um conflito nas proporções da II Grande Guerra, uma vez que os mesmos não possuíam recursos necessários para uma ofensiva longa. Por essa razão, verifica-se que os japoneses não tomaram parte nos conflitos mais duradouros no território europeu, tais como a guerra da Alemanha contra a Grã-Bretanha e a França em 1939-1940 ou contra a Rússia, em 1941.

4.7. Bloco Chinês

Desde sua fundação em 1912, a República da China enfrentava uma severa instabilidade política decorrente da guerra civil travada entre o Partido Nacionalista Chinês (KMT) e o Partido Comunista Chinês (PCC). Não suficiente, a nação ainda se encontrava mergulhada num conflito armado contra o Japão, episódio conhecido como a Segunda Guerra Sino-Japonesa.

Iniciado em julho de 1937, o confronto travado com os japoneses frustrou todos os esforços de modernização econômica sínica, ora implantada na chamada Década de Nanjing (1928). Do mesmo modo, o embate entre as nações orientais também contribuiu para a militarização e centralização do poder na sociedade chinesa, fazendo com que grande parte da população passasse a viver na zona rural do país para evitar grandes deslocamentos. Situação agravada com o avanço da Segunda Guerra Mundial em 1939.

Durante a invasão japonesa, dois nomes começaram a ganhar destaque na China: a força nacionalista e oficial de Jiang Jieshi e a comunista de Mao Zedong. A agressão japonesa aos chineses permitiu à Mao consolidar sua liderança no PCC, uma vez que todos os esforços do exército de Jiang estavam focados em combater os ofensores estrangeiros, deixando para segundo plano a perseguição ferrenha que era travada contra os comunistas.

Assim, na busca de coordenar os esforços no sudoeste asiático durante a guerra e impedir o expansionismo japonês, os Aliados constituíram o Teatro CBI, composto pela China, Birmânia e Índia, o qual era subdividido em dois comandos: o chinês, coordenado pelo militar político Jiang Jieshi, e o do sudoeste asiático, que seria liderado pelo Lorde Louis Mountbatten.

Dentro desse cenário, o governo estadunidense tinha como principal representante o general Joseph Stilwell, que foi nomeado por Jiang como chefe de Estado-Maior e comandante do Exército chinês na região da Birmânia. Em seu

comando, estavam as operações da Ponte Aérea do Himalaia e a gerência dos recursos do *lend-lease*¹⁶¹.

Em ajuda à China, o presidente Roosevelt tinha proposto um plano político com quatro pontos, no qual o governo chinês deveria: firmar um acordo com URSS, reconquistar os seus territórios ocupados e apoiar o regime do Guomindang. A única contrapartida imposta a esse país asiático seria o estabelecimento de uma política externa alinhada com os Estados Unidos, o que elencaria a China como o principal aliado estadunidense no extremo oriente.

Para cumprir os objetivos traçados, os chineses deveriam se manter na guerra aliados aos EUA. Todavia, as duas nações não conseguiam encontrar um consenso quanto ao desenvolver do conflito, seja dentro ou fora do campo de batalha.

Nesse contexto, no desenrolar dos conflitos travados, Roosevelt via-se cada vez mais preocupado com a fragilidade do governo chinês, em especial devido à relutância dos sino-asiáticos em se engajar contra os japoneses, fazendo-o repensar o papel da União Soviética na guerra travada no oriente. Não suficiente, as relações entre os líderes estadunidense e chinês encontravam-se cada vez mais desgastadas, visto que desde o ingresso da China na guerra, Jiang chantageava Roosevelt com uma possível proposta de paz separada com os japoneses, ato qual seria capaz de acabar com todos os planos do presidente americano no extremo oriente.

As exigências do líder Jiang por mais recursos de *lend-lease* e suprimentos, diante de um fraco desempenho das forças chinesas, fizeram com que durante a Conferência de Teerã, o presidente estadunidense acordasse com Stálin a ofensiva do exército soviético na região da Manchúria, bem como a utilização de bases na Sibéria, tão logo fosse efetivada a derrota da Alemanha. Durante a mesma reunião, em face da criação de uma nova frente de ataque, o primeiro ministro Churchill retirou seus apoios a novas operações no sudeste asiático.

Dessa forma, diante da pouca viabilidade de se manter exércitos no sudoeste chinês, o presidente americano acabou por flexibilizar os quatro princípios acordados no

¹⁶¹ *Lend-lease act*, ou, *lend-lease policy*, representava uma política de empréstimos concedidos pelos Estados Unidos aos países aliados durante a Segunda Guerra Mundial

plano político antes proposto, fazendo com que a China perdesse sua prioridade estratégica no decorrer da Segunda Guerra.

Assim, a partir da mudança de tal panorama, o exército estadunidense, representado pelas figuras de Stilwell e Marshall, passou a pressionar a necessidade de mudança e reorganização das forças armadas chinesas.

Enquanto os aliados se deparavam com dificuldades estratégicas, o Japão desenvolveu a operação ICHI-GO, campanha realizada entre abril e dezembro de 1944, quando se travaram grandes batalhas entre as forças do Exército Imperial Japonês e o Exército Revolucionário da República da China. Essa operação revelou-se como uma das maiores ofensivas do Japão, culminando em uma das vitórias das forças do Eixo na guerra.

Logo, depois de diversas derrotas da marinha japonesa no pacífico, tal operação se apresentou como meio essencial para a manutenção da comunicação entre os territórios ocupados pelos nipônicos, resultando em uma baixa representativa do exército de Jiang e o aumento no descontentamento da população com o seu governo.

Não suficiente, o governo estadunidense perdeu parte de suas bases aéreas, reduzindo a sua capacidade de ataque às ilhas metropolitanas japoneses por intermédio do território chinês, bem como a região de desembarque no sul da China.

Desse modo, com o fracasso dos aliados na campanha de ICHI-GO, a ofensiva pelo norte da Birmânia se tornou o único caminho possível para a vitória. Logo, em fevereiro e março de 1944, as forças aliadas, compostas por basicamente tropas chinesas, comandadas pelo general Stilwell e auxiliadas pela força aérea americana, infiltraram a retaguarda japonesa. Um mês depois, o ataque da Birmânia foi executado em duas frentes de batalha, realizando os melhores progressos para o exército aliado, em que pese não tenha sido suficiente para alcançar o cessar fogo na região.

4.8. Bloco Alemão¹⁶²

O Tratado de Versalhes, assinado ao final da Primeira Guerra Mundial, instituiu duras sanções para a Alemanha, dentre elas o pagamento das dívidas de guerra às

¹⁶² HOBSBAWM, 1994.

nações da Tríplice Entente. Nesse contexto, o governo alemão aprofundou a crise econômica que havia se instaurado durante o conflito, imprimindo papel moeda para pagar as dívidas da nação, levando à inflação de bens de consumo e, conseqüentemente, a insatisfação do povo.

No mesmo ano, em 1920, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), um dos vários partidos políticos alemães de extrema-direita, é fundado. A ideologia defendida pregava pela abolição da República de Weimar (presidida por Paul von Hindenburg), pelo anti-bolchevismo, pela rejeição aos termos do Tratado de Versalhes (base para o revanchismo alemão, que impulsionaria as invasões à França a fim de devolver a humilhação aos franceses), e prometia renovação cultural para o povo pela formação de uma comunidade de cidadãos baseada na soberania racial, concomitantemente à opressão ao povo judeu (antisemitismo), além de restaurar a economia alemã e melhorar a reputação internacional do país.

Nas duas eleições gerais do Reichstag (Parlamento Alemão) de 1932 o NSDAP ganhou a maior parte dos votos populares, mas ainda não era maioria, por isso Adolf Hitler (líder partidário) liderou um breve governo de coalizão com outro partido popular da época, o Partido Popular Nacional Alemão. Em 30 de Janeiro de 1933, por pressão da comunidade empresarial, industrial e políticos, Paul von Hindenburg nomeou Hitler para Chanceler, e faleceria em 2 de agosto do ano seguinte.

Com a ascensão de Hitler ao poder, foram feitos mais de 400¹⁶³ decretos e regulamentações nacionais, estaduais, regionais e municipais que restringiam todos os aspectos da vida pública e privada dos judeus; que iam desde o afastamento de determinadas profissões e outros aspectos da vida pública, por serem considerados "não-confiáveis politicamente", como o estabelecimento de um teto para o número de judeus aceitos nas escolas e universidades alemãs. Ao mesmo tempo, a Alemanha, que até então sofria com as duras sanções impostas pela Liga das Nações, iniciava vivia um período de prosperidade no país. Iniciava-se o Terceiro *Reich*, liderado pelo *Führer* Adolf Hitler: a promessa de a Alemanha voltava a pertencer ao seu povo, os arianos.

¹⁶³ United States Holocaust Memorial Museum. Enciclopédia do Holocausto. **LEGISLAÇÃO ANTI-SEMITA NA ALEMANHA ANTES DA GUERRA**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005681>>. Acesso em: 15. maio. 2017.

De 1933 a 1938, Hitler nomeou como seu o ministro das relações exteriores d Konstantin von Neurath, que se manteve fiel às promessas do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Durante seu mandato enviou auxílio militar para Guerra Civil Espanhola, iniciou processos de rearmamento da Alemanha, remilitarizou a região da Renânia - ato vetado pelo Tratado de Versalhes em 1919, assinou um pacto de não-agressão com a Polônia e readquiriu o território de Saar, enquanto simultaneamente opunha-se a quaisquer posicionamentos da Grã-Bretanha e da França, além de abandonar a Liga das Nações, como uma forma de retaliação ao Tratado de Versalhes.

Desse modo, o posicionamento do Ministro de Relações Exteriores refletia diretamente o plano de ações nazista para fortalecimento do país enquanto potência mundial e reincorporação dos grupos étnicos alemães que viviam fora de suas fronteiras.

Em 1938, assume como Ministro das Relações Exteriores o ex-embaixador da Grã-Bretanha e membro do partido nazista, Joachim von Ribbentrop. Durante tal período, o nazismo caminhava para o seu auge enquanto projeto político-militar. Por meio de diversas tratativas, aliadas à fortes ameaças militares, o Terceiro *Reich* se irradiou por diversos territórios. Dentre as inúmeras conquistas de Ribbentrop, seu mandato fora marcado pela anexação da Áustria, pela assinatura do Pacto de Munique, que cedia os Sudetos à Alemanha à revelia da Tchecoslováquia (ocupada e desmembrada em março de 1939) e pelo estreitamento de laços com a Itália e Japão através dos Pactos Anti-Comintern, Pacto de Aço e o Pacto das Três Potências, respectivamente, que estabeleciam a cooperação entre as três nações.

Mas foi apenas em agosto de 1939 que Ribbentrop assinou aquele que veio ser um dos mais importantes Tratados do Século XX: o Pacto de Não-Agressão Germano-Soviético (ou Pacto Molotov-Ribbentrop). Pela primeira vez Alemanha e União Soviética estipulavam obrigações mútuas. A intenção alemã, no entanto, era obter liberdade para refrear a possibilidade de intervenção soviética durante anexação da Polônia, que ocorreria em setembro daquele ano, levando França e Grã-Bretanha a reagirem em cumprimento ao pacto de proteção à Polônia, deflagrando a Segunda Guerra Mundial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Guia de Estudos foi pensado e desenvolvido em duas partes: a primeira, chamada de parte geral apresenta o intuito de realizar um levantamento histórico e crítico acerca de toda problemática que envolvia o contexto da Segunda Guerra Mundial; já a segunda, denominada parte especial, possui o propósito de apontar uma visão específica de política interna e externa em que os países, ora blocos simulados, encontravam-se no período entre guerras, bem como durante o Segundo Conflito Beligerante Mundial, levantando posicionamentos tendenciosos e nacionalistas de cada país.

A temática escolhida é extremamente rica. Por este motivo, elucidamos a extrema necessidade de utilização de outras fontes de estudo, sempre com o fim de envolver todos os blocos selecionados nos debates, visto que, como exposto, estes possuíram extrema importância e relevância geopolítica no contexto trabalhado, tendo desta vez, a oportunidade de manifestação. Todas as informações conhecidas pós 17 de julho de 1945 devem ser completamente desconsideradas, uma vez que as mesmas, na data da simulação, sequer existiram.

A idealização da Conferência de Potsdam é um desafio oferecido para simular um dos momentos mais importantes para a configuração do mundo moderno, sendo entregue, aos senhores e às senhoras a grande oportunidade de reescrever a história!

6. REFERÊNCIAS

AGAROSSO, Elena. **A Nation Collapses: The Italian Surrender of September 1943**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2000.

AGUIAR, Livia. **Os 12 conflitos armados que mais mataram pessoas**. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blog/superlistas/os-12-conflitos-armados-que-mais-mataram-pessoas/>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

A ITÁLIA Na Segunda Guerra Mundial. Vídeo Publicado pela página Hoje na Segunda Guerra Mundial. 1'54".

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1919 - Começa a discussão das exigências da Itália na Conferência de Versalhes**. 2011.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1945 – Conferência de Potsdam discute futuro da Alemanha vencida**. <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/36053/hoje+na+historia+1945++conferencia+de+potsdam+discute+futuro+da+alemanha+vencida.shtml>>. Acesso em 12/03/2017

A propaganda política nazista. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005202>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

ARAÚJO, Andre. **A Conferência de Casablanca em 1943**. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-conferencia-de-casablanca-em-1943>>. Acesso em 21/02/17

ARTHMAR, Rogério. **Os Estados Unidos e a economia mundial no pós-Primeira Guerra**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2156/1295>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

BAUER, Eddy. YOUNG, Peter. **The History of World War II** (rev. ed.). London: Orbis, 2000.

BBC. **Fact File**: Italy Invades Egypt.

BEZERRA, Eudes. **Pacto Molotov-Ribbentrop: o casamento de Hitler e Stalin**. Disponível em: <<http://www.museudeimagens.com.br/pacto-molotov-ribbentrop/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRANDÃO, José Luís (coord.); DE OLIVEIRA, Francisco (coord.). **História de Roma Antiga volume I**: das origens à morte de César. Coimbra: [s.n.].

BRASIL. **Decreto Nº 19.841, de 22 de Outubro de 1945**.

BRITANNICA, The Editors Of Encyclopædia. **Italo-Ethiopian War**: 1935-1936.

CABRAL, Danilo Cezar. **Como funcionavam as câmaras de gás na 2ª Guerra Mundial?** Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-funcionavam-as-camaras-de-gas-na-2a-guerra-mundial/>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

CLASSICAL WISDOM WEEKLY. **A war for water**: a tale of two cities. 2011.

COOPER, J S. **Reconstructing history from ancient inscriptions**: the Lagash-Umma border conflict. Malibu: Undena Publications, 1983

COSTA JÚNIOR, Emanuel de Oliveira. **A guerra no direito internacional**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 8, n. 114, 26 out. 2003.

DELBEZ, Louis. **Les Principes Généraux du Droit International Public**: Droit de la Paix, Droit Préventif de la Guerre, Droit de la Guerre. 3º ed. Paris: Láb. Gén. de Droit et de Jurisprudence, 1964.

DINSTEIN, Yoram. **Guerra, Agressão e Legítima Defesa**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004

FERNANDES, Cláudio. **Fascismo**.

FISCHER, Bernd J. **Albania at War: 1939-1945**. West Lafayette: Purdue University Press, 1999.

GUERRAS Mundiais. Direção: John Ealer. **Estados Unidos**: History Chanel, 2014.

HART, Lina Grip And John. **The use of chemical weapons in the 1935–36 Italo-Ethiopian War**.

HATAMI, Haleh; GLEICK, Peter H. **Conflicts over Water in the Myths, Legends, and Ancient History of the Middle East**. Environment: Science and Policy for Sustainable Development, [s.l.], v. 36, n. 3, p.10-11, abr. 1994. Informa UK Limited

HISTORY. **HOJE NA HISTÓRIA**: "Marcha sobre Roma" de Mussolini marca o início do fascismo na Itália.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Editora Schawarcz, 1995.

ISABEL. **Führerbunker – O Bunker de Hitler**. Disponível em: <<http://simplesmenteberlim.com/fuhrerbunker-onde-fica-o-bunker-de-hitler/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

JUDAISMO E MAÇONARIA. O plano Morgenthau de 1945. 2012. Disponível em: <<https://judaismoemaconaria.blogspot.com.br/2012/03/o-plano-morgenthau-de-1945.html>>. Acesso em 12/03/2017

KALMYKOVA, Svetlana. **Bombardeio de Londres: início do terror aéreo**. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_09_08/Bombardeio-de-Londres-in-cio-do-terror-a-reo-7655/>. Acesso em: 20 mar. 2017.

KINKARTZ, Sabine. **1939: Assinado o Pacto de Não Agressão**. Disponível em: <<http://dw.com/p/2a0c>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

LIBRARY, Jewish Virtual. **Concentration Camps: What are Concentration Camps?** Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/what-are-concentration-camps>>.

Acesso em: 07 mar. 2017.

LIBRARY, Jewish Virtual. **The Holocaust: An Introductory History**. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/an-introductory-history-of-the-holocaust>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

LIBRARY, Jewish Virtual. **The Holocaust: Nazi Medical Experiments**. Disponível em: <<http://www.jewishvirtuallibrary.org/nazi-medical-experiments>>. Acesso em: 07 mar. 2017.

LICHTBLAU, Eric. **The Holocaust Just Got More Shocking**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2013/03/03/sunday-review/the-holocaust-just-got-more-shocking.html>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MARTINS, Lucas Campos. **Economia de guerra da Alemanha Nazista: como a economia comporta-se frente a ocorrência de uma guerra**. 2010. Disponível em: <https://unibhri.files.wordpress.com/2010/12/lucas-martins-economia-de-guerra-da-alemanha-nazista_-como-a-economia-comporta-se-frente-a-ocorrencia-de-uma-guerra.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2017. p. 11.

MAZZUOLI, Valério de Oliveira. **Curso de Direito Internacional Público**. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014.

MINERBI, Alessandra. **A história ilustrada do Nazismo**. São Paulo: Larousse, 2009.

MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **A vida nos Guetos**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007708>>. Acesso em: 06 mar. 2017.

MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Campos de Extermínio: visão geral**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005145>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Hitler Sobe ao Poder**. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/outreach/ptbr/article.php?ModuleId=10007671>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Holocaust.** Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10007867>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

MUSEUM, United States Holocaust Memorial. **Os Refugiados.** Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005139>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

NAPOLETANO, Roberto. **Ferruccio Parri, De Gasperi e il male sottile dell'Italia.**

RUY, José Carlos. **Stalingrado, onde começou a derrota de Hitler e dos nazistas.** 2013.

SADKOVICH, James. J. **Of Myths and Men: Rommel and the Italians in North Africa.** The International History Review, 1991.

SEGRILLO, Angelo. **A repartição do mundo.** 2015. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/a-reparticao-do-mundo>>. Acesso em 16/12/2016

TISSOT, Guilherme. **Política e Estratégia na Fase Final da Segunda Guerra: Setembro de 1944 - Setembro de 1945.** 2009. Disponível em: <<https://guilhermetissot.wordpress.com/2009/10/19/politica-e-estrategia-na-fase-final-da-segunda-guerra-setembro-de-1944-setembro-de-1945/>>. Acesso em 14/03/2017

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Pietro Badoglio: **ITALIAN GENERAL AND STATESMAN.** 2011.

The Importance of the Rhineland. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/bitesize/higher/history/roadwar/rhine/revision/1/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. **O Terceiro Reich:** visão geral. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005141>>. Acesso em: 12

mar. 2017.

WAACK, William. **Conferências de Yalta e Potsdam (1945)**. In: História da paz : os tratados que desenharam o planeta / Demétrio Magnoli, (organizador). — 2. ed. — São Paulo : Contexto, 2012. Vários autores.

WALKER, Ian W. **Iron Hulls, Iron Hearts: Mussolini's Elite Armoured Divisions in North Africa**. Ramsbury: The Crowood Press, 2003.

WAR DEPARTMENT OF THE UNITED STATES OF AMERICA. **Benito Mussolini Reading Italy's Declaration Of War, 06/10/1940**.

WEINBERG, Gerhard L. **Germany, Hitler and World War II**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

WIKIPEDIA. **Hitler in Paris, 23 June 1940**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Hitler_in_Paris,_23_June_1940.jpg>. Acesso em: 20 mar. 2017.

WIKIPEDIA. **Olga Benário**. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Olga_Benário_Prestes>. Acesso em: 20 mar. 2017.